

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**ESPORTE NA ESCOLA:
CONTRADIÇÕES E ALTERNATIVAS**

Vicente Molina Neto

Nível: Mestrado

Área: Administração de Sistemas Educacionais (ASE)

Porto Alegre, abril de 1991



Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

M722e

Molina Neto, Vicente

Esporte na escola: contradições e alternativas/
Vicente Molina Neto. - Porto Alegre: PUCRS, Curso de
Pós-Graduação em Educação, 1991.

F.

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Ca-
tólica do Rio Grande do Sul, 1991

1. Ensino de Educação Física I. Título

CDU 796:37

Ficha catalográfica elaborada por:
Rosalia Pomar Camargo CRB 10/856

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Augusto Nivaldo Silva Triviños, pela orientação segura, conhecimento adquirido e pelos caminhos que começo a descobrir.

A Prof. Dr^a. Içara da Silva Holmesland, na elaboração da proposta inicial deste estudo.

Aos amigos, colegas, professores e alunos verdadeiramente comprometidos com uma educação e uma sociedade mais justas, e que lutam por isto, por ver em cada um uma luz que orienta nosso caminho.

Aos meus pais e irmãos, minha torcida organizada.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Nivaldo Silva Triviños

Para Rosane e Daniela

"Viver e não ter vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz."

(Gonzaguinha)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	09
LISTA DE QUADROS	10
RESUMO	11
ABSTRACT	14
1 INTRODUÇÃO	17
2 PROBLEMA	42
3 METODOLOGIA	45
3.1 Tipo de Estudo	45
3.2 População e Amostra	45
3.3 Coleta de Dados	47
3.3.1 Questionário	47
3.3.2 Observação livre	47
3.3.3 Entrevista semi-estruturada	48
3.4 Análise e Interpretação dos Dados	49
4 ESPORTE NA ESCOLA: CONTRADIÇÕES E ALTERNATIVAS	51
4.1 Quem são os professores de Educação Física em exercício nas escolas de 1º e 2º graus no município de Porto Alegre - RS	51
4.2 O Sentido do Esporte na Escola	61
4.2.1 Introdução	61
4.2.2 Movimento	66
4.2.3 Socialização	70
4.2.4 Desenvolvimento moral e intelectual	78
4.2.5 Saúde	87
4.2.6 Afetividade e superação	94
4.2.7 Promoção e desenvolvimento da escola e for- mação e desenvolvimento do aluno	100

4.2.8	Estrutural crítica e estrutural alienada ..	109
4.2.9	Cultural	122
4.3	Referências para Prática do Esporte na Escola	
	Pública e Particular	128
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	139
	BIBLIOGRAFIA	146
	APÊNDICES	151
	APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO	152
	APÊNDICE 2 - ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO	157
	APÊNDICE 3 - ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	160
	APÊNDICE 4 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS QUANTO À IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESPORTE NA ESCOLA PARA O ALUNO.....	163
	APÊNDICE 5 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS QUANTO À IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESPORTE NA ESCOLA PARA A ESCOLA	168
	APÊNDICE 6 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS QUANTO À IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESPORTE NA ESCOLA PARA A SOCIEDADE.....	171
	APÊNDICE 7 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS QUANTO AO CRITÉRIO DE ESCOLHA DO ESPORTE NA ESCOLA PÚBLICA	175
	APÊNDICE 8 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS QUANTO AO CRITÉRIO DE ESCOLHA DO ESPORTE NA ESCOLA PARTICULAR	178

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Professores de Educação Física nas escolas de 1º e 2º graus no município de Porto Alegre	46
TABELA 2 - Número de escolas existentes em Porto Alegre segundo a dependência administrativa	46
TABELA 3 - Categorias sobre a importância do esporte na escola para o aluno, segundo os professores.....	62
TABELA 4 - Categorias sobre a importância do esporte na escola para a escola, segundo os professores	101
TABELA 5 - Categorias sobre a importância do esporte na escola para a sociedade, segundo os professores ..	110
TABELA 6 - Critérios para escolha do esporte na escola pública	129
TABELA 7 - Critérios para escolha do esporte na escola particular	132

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Idade e sexo dos professores	52
QUADRO 2 - Tipo de escola em que trabalha e nível de formação profissional	54
QUADRO 3 - Grau de ensino em que os professores trabalham ..	56
QUADRO 4 - Carga horária semanal/Tempo de serviço como professor de Educação Física	57
QUADRO 5 - Preferência dos professores de Educação Física quanto à prática dos esportes	58
QUADRO 6 - Incidência de número de modalidades preferidas apontadas pelos professores de Educação Física ..	60

RESUMO

Investigamos a prática do esporte nas escolas de 1º e 2º graus, públicas e particulares de Porto Alegre, na Visão dos professores de Educação Física.

Os objetivos que norteiam nosso estudo foram: identificar os aspectos fundamentais da prática do esporte na escola; estabelecer se o professor de Educação Física de 1º e 2º graus relaciona criticamente a prática do esporte na escola com o contexto social que a envolve; elaborar um conjunto de sugestões que vise aprimorar a prática esportiva na escola, tendo presente a ênfase no desenvolvimento intelectual do ser humano para uma educação e uma sociedade mais justas.

O estudo é de natureza descritivo-explicativa, a população alvo é constituída de todos os professores de Educação Física das escolas públicas e particulares de Porto Alegre, num total de 1.838 lotados nas 403 escolas existentes no município. A todos eles, foi enviado o questionário. Retornaram 218, constituindo-se assim a amostra. Observamos 17 escolas e realizamos 12 entrevistas.

Descrevemos os professores de Educação Física quanto à idade, sexo, tipo de escola em que trabalham, nível de formação profissional, tempo de serviço, grau de ensino em que

atuam, carga horária semanal e modalidades esportivas preferidas.

Segundo os professores de Educação Física de Porto Alegre, a importância do esporte na escola para o aluno está distribuída nas seguintes categorias: Movimento; Socialização; Desenvolvimento Moral e Intelectual; Saúde; Afetivo; Superação. A importância do esporte escolar para a escola, segundo os professores de Educação Física, agrupa-se nas seguintes categorias: Promoção e desenvolvimento da escola; Formação e desenvolvimento do aluno; Socialização. Quanto à importância do esporte na escola para a sociedade, os professores manifestaram-se nas seguintes categorias: Saúde; Socialização; Moral; Estrutural-crítica; Estrutural-alienada; Cultural.

Observamos neste estudo que os professores de Educação Física têm dificuldade em relacionar sua prática com o contexto social. O ensino é desprovido de reflexão. A visão do esporte na escola é funcionalista e a sua prática é conservadora. Prevenção da saúde e do uso de drogas são as funções do esporte, sobre as quais os professores têm maior clareza. A maior dificuldade dos professores é trabalhar com a liberdade de movimentos, daí o caráter disciplinador das práticas esportivas. Há duas posições diferenciadas com relação à importância do esporte na escola para a sociedade: uma que faz a crítica ao caráter reprodutor do esporte na escola e outra que não se dá conta desta manipulação.

O professor escolhe o esporte a ser praticado na escola segundo quatro referenciais: aluno; recursos físicos e materiais; instituição; professor. Estes referenciais variam em ordem de prioridade da escola pública para a escola particular.

Por fim, é necessário, para a mudança deste quadro, que as discussões acadêmicas cheguem o mais rápido possível ao

professor que está diuturnamente envolvido na escola, através de programas de atualização. Os sistemas de ensino deverão priorizar a escola pública com recursos físicos e materiais, além de levar em consideração, prioritariamente, o interesse do aluno na efetivação de políticas específicas para o setor.

Devemos estimular o hábito de leitura de obras de cunho social, político e cultural entre os professores, através da liberação da carga horária de trabalho e fazendo com que esta bibliografia chegue até a escola. Urge que os professores críticos desenvolvam, com seus alunos, estratégias que visem à transformação da instituição escolar, com vista a uma sociedade mais justa e igualitária.

ABSTRACT

We have investigated the practice of sports in primary and secondary public and private schools in Porto Alegre, as it is seen by Physical Instructors.

The objectives of this study were: to identify the fundamental aspects of practicing sports at school; to find out if the Physical Instructor of primary and secondary schools critically establishes a relation between the practice of sports at school and its social context; to create a list of suggestions that aims to improve the practice of sports at school emphasizing the integral development of the human being as a way to reach a better education and a fairer society.

The study has a descriptive-explicative nature. The target population consisted of all the Physical Instructors of the 403 public schools of Porto Alegre, making up the total of 1.838 instructors two of whom were sent questionnaires. Two hundred eighteen questionnaires were sent back, and that was our sample. We observed 17 schools and made 12 interviews.

We described the instructors according to their age, sex, the type of school where they work, work time, level of education in which they work, weekly period of work and favorite sport modalities.

According to the Physical Instructors from Porto Alegre, the importance of the sport at school to the student is distributed in the following categories: Movement, Socialization; Moral and intellectual development; Health; Affection; Capacity of surpassing themselves. The importance of the sport to the school, according to the instructors, is divided in the following categories: Promotion and development of the school; Formation and development of the student; Socialization; Concerning the importance of the sports to the society, the instructors chose the following categories: Health; Socialization; Moral; Critical-Structural; Alienated-Structural; Cultural.

We have observed in this study that the Physical instructors have difficulty to relate their practice to the social context. The education is not provided of reflexion. The sport is seen in a functionalistic way and its practice is conservative. Keeping the students healthy and away from drugs are the sport functions about which the instructors can think more clearly. The greatest difficulty of the instructors is to work with the movement freedom, this resulting in the disciplinary character of the sportive practices. There are two positions in relation to the importance of the sports at school to the society: one that criticizes the reproductive character of the sport at school and another that does not realize this manipulation.

The instructor chooses the sport to be practiced in the school according to four referencial points: student; physical and material resources; institution; instructor. These points vary in their priority order in public and private schools.

Finally, it is necessary to the change of this situation that, as soon as possible, the academic discussions re-

ach the instructor who is daily working at school, through actualization programs. The education systems will have to give priority to the physical and material resources in public schools, besides considering, also with priority, the student's interest in the effectiveness of specific policies for the sector.

We must stimulate the reading of social, political and cultural works among the instructors through the releasing of the period of work, making this bibliography reach the school. It is necessary that the critic instructors develop, together with their students, strategies that aim at school institution transformation, seeking a fairer and more equalitarian society.

1 INTRODUÇÃO

Como na maioria das escolas do Brasil, as escolas de 1º e 2º graus de Porto Alegre desenvolvem atividades de Educação Física e conseqüentemente esporte na escola. Para os professores de outras disciplinas, para os pais e mesmo para os especialistas na área de Educação Física, estas atividades apresentam-se de forma condusa à simples percepção.

Queremos dizer que a Educação Física e o esporte na escola surgem a nossa vista como uma realidade global, da qual não temos consciência precisa e discriminada. Assim, temos diante de nós um fato que oferece, num primeiro momento, uma aparência que não nos permite ver imediatamente sua essência. E esta incapacidade que apresentamos para captar o fenômeno da Educação Física e o esporte na escola de 1º e 2º graus é facilmente compreensível porque ela não é um fenômeno isolado dentro do contexto educacional e social do país. Ele está impregnado não só de condições materiais e espirituais próprias do meio regional, mas também de elementos que ultrapassam os âmbitos estadual e nacional.

Observamos hoje, nitidamente, que na Educação Física ministrada nas escolas de 1º e 2º graus várias tendências estão presentes. A tendência mais facilmente identificável é a

que enfatiza as práticas esportivas institucionalizadas e a competitividade onde o professor, através do esporte na escola, reproduz o esporte de alto rendimento, aquele que os meios de comunicação noticiam diariamente através de transmissões de espetáculos esportivos e de espaços jornalísticos cada vez maiores.

Para que tenhamos uma reformulação nas práticas esportivas deste país, é necessário que atuemos com consciência crítica, principalmente na escola de 1º e 2º graus, onde todos passam ou deveriam passar.

É através da escola, principalmente, que teremos uma prática esportiva democrática, prazerosa, que desperte na criança e no adolescente o gosto pelo movimento e que engaje estas práticas no contexto do processo educacional.

NEGRINE (1990), ao interpretar o significado da Educação Física, à luz da antropologia, coloca-a como as diferentes maneiras de expressão corporal e inclui o esporte como uma de suas principais vertentes.

"A visão elástica dentro de uma ótica globalizante, onde se aceita como premissa que a Educação Física representa toda a gama de expressões corporais, quer utilizando o corpo como objeto técnico, ou este utilizando instrumentos, leva-nos a encontrar uma gama expressiva de vertentes que tratam das técnicas corporais, que hoje, institucionalizadas emanam da Educação Física, como características, objetivos e metodologias próprias." (NEGRINE, 1990, p. 37)

Tal como a dança, o esporte é uma das vertentes da Educação Física que sofre historicamente influências do contexto sócio-político e econômico. Estas influências determinaram que a espécie (esporte) se sobrepusesse ao gênero (educação física).

Dizemos a todo instante que o esporte é um fenômeno social e, quando assim afirmamos, pressupomos que suas relações, suas contradições e manifestações tenham transcendência às quadras, ginásios, campos e ao espaço delimitado pelos meios de comunicação de massa.

No dizer de FEIO (1978), filósofo português, o universo do esporte compreende o espetáculo, a profissão, a ciência, a arte, a política, o lazer (ativo e passivo), a prática, a técnica, a educação e a investigação.

Evidentemente que um universo como o que apresentamos desperta interesses significativos em nossos dias, em todos os pontos do planeta, por vários centros de estudos e isto determina que pesquisadores, professores e outros estudiosos das mais diversas áreas procedam um amplo processo de investigação sobre o fenômeno em tela.

Paralelamente, instituições - públicas e privadas - com as mais diversas finalidades têm destinado recursos humanos, físicos e financeiros para pesquisas relativas às inúmeras manifestações do esporte, tanto com vistas a uma melhor compreensão do fenômeno, enquanto campo de conhecimento do homem, como também visando ao plano econômico.

As relações entre o esporte, a sociedade, a cultura e a política têm sido analisadas por diversos profissionais, dentre eles, antropólogos e filósofos, que têm aprofundado o estudo do movimento humano e das técnicas corporais como intrínsecas aos grupos humanos em determinado momento histórico. Da mesma forma, educadores de diversas vertentes teóricas têm dispensado esforços para identificar a influência do esporte na escola de 1º e 2º graus, que efeitos gera no fazer pedagógico do professor e seu impacto na formação do aluno. Tais estudos

evidentemente não dispensam as influências políticas, econômicas, psicológicas, culturais e sociais, na medida em que historicamente o esporte, enquanto forma de expressão e prática corporal, esteve vinculado ao poder hegemônico presente nos grupos sociais existentes em determinados momentos históricos.

É possível, pois, ao analisar a forma como as práticas esportivas se organizam em uma determinada sociedade, perceber fragmentos significativos de como esta sociedade se organiza quanto à produção, ao consumo e à estrutura social.

Historicamente, e não é necessário grande esforço de memória, o esporte tem sido alvo de investidas internacionais como estratégia de propaganda política e instrumento de manipulação das massas populares. Principalmente nos regimes ditatoriais, autocráticos, constatamos elevados investimentos na exploração política do esporte, onde o fim maior é a legitimação do poder dominante instituído, e o palco preferido destes são os grandes espetáculos esportivos.

A Alemanha Nazista ao final da década de 30, o Brasil nos anos 70, a Coreia na última Olimpíada (1988) e o Chile, com a Seleção Nacional de Futebol na fase classificatória do Campeonato Mundial de Futebol (1989) são exemplos desta manipulação política, onde o esporte foi utilizado como meio para transferir a atenção e mobilizar o interesse da população para outra direção que não aquela dos problemas estruturais e conjunturais de cunho social graves, resultantes, principalmente na América Latina, das relações de desenvolvimento e dependência aos países do primeiro mundo. A manipulação política é frequente e incontáveis são os registros.

TUBINO (1987) resume a estreita vinculação entre o esporte e as políticas governamentais:

"Numa comparação entre a posição do estado diante do esporte nos países socialistas e capitalistas, pode-se dizer que nos primeiros foi assumido como um instrumento revolucionário com implicações internas e externas, enquanto nos Estados Ocidentais, o esporte foi apoiado em alguns países mais e outros menos, na perspectiva do consumo para o chamado esporte de rendimento, e como questão de Estado para o esporte popular, ou do tempo livre do trabalho. No esporte de alto nível, um sintoma nítido desta diferença ocorre quando os Estados Socialistas convertem seus atletas em funcionários, como servidores públicos, enquanto os Estados Capitalistas resolvem os problemas dos seus grandes atletas profissionalizando-os." (TUBINO, 1987, p. 75)

Concomitante às concepções e aos estudos de vários autores e intelectuais que sentenciam o esporte como o fenômeno social de maior significação deste final de século, milhões de pessoas participam de atividades esportivas formais, institucionalizadas ou não formais, independente do nível sócio-econômico ou horizonte cultural. Particularmente nas escolas de 1º e 2º graus, a maioria dos alunos dos 10 aos 18 anos estão sendo trabalhados em diferentes práticas esportivas, ministradas por professores de Educação Física e leigos autorizados a título precário. Só no Rio Grande do Sul são 1.665.702 matriculados, segundo dados preliminares para 1989, do setor de informática da Secretaria do Estado de Educação.

A indústria do esporte se desenvolve a passos céleres. Existe um mundo dinâmico e altamente lucrativo de equipamentos, materiais, vestuários, instalações e outros complementos esportivos que movimentam volumes financeiros substanciais. O tênis hoje é o símbolo desta espiral de consumo. As grandes indústrias calçadistas, principalmente no Vale do Rio dos Sinos (RS), vêm substituindo gradativamente suas linhas de produção de calçados tradicionais para linhas de produção de tê-

nis, com o quê o couro vai sendo substituído pela borracha sintética.

Empresas nacionais e transnacionais investem somas altíssimas na pesquisa de interesses e na geração de necessidades, com a conseqüente produção de novos materiais e complementos esportivos. Os mecanismos de venda, apoiados na psicologia social e em outras ciências, são a cada dia mais eficientes neste grande e lucrativo negócio, o esporte, onde o alvo principal é a criança e o adolescente em processo de socialização. Ou- semos adquirir e oferecer um tênis ou um agasalho esportivo aos nossos filhos de uma marca pouco conhecida: a reação negativa ao objeto será imediata tamanho bombardeio da mídia sobre as crianças.

Neste quadro, o professor CASTELLANI FILHO (1989) afirma categoricamente que o professor de Educação Física é o garoto-propaganda. Ele simboliza, de forma alienada, um modelo de corpo mercantilizado por esta sociedade e materializa um multi-painel. É a marca do tênis, do calção, do abrigo, da camiseta e da bola.

É importante, a esta altura, salientar que o esporte serve para as sociedades também exaltarem um modelo de corpo, um modelo de beleza, um modelo de verdade, um modelo moral e um modelo de ética, conseqüências que são do acumulado histórico-cultural destas sociedades. Nesta perspectiva, aparecem, por um lado, os ídolos, os mitos, os semi-deuses do esporte e, por outro, as discriminações. Ainda nesta perspectiva, de consumo a qualquer custo, preconizado hegemonicamente na sociedade brasileira pelas minorias detentoras do poder econômico sobre a massa popular, cabe especificar que na gênese deste lucrativo mercado econômico está um modelo de corpo, adulto, branco, forte, saudável, eficiente, pragmático, técnico,

mecânico e esportista, que leva vantagem em tudo e sempre chega na frente. Este é o espelho da sociedade brasileira, que descarta e marginaliza os velhos, os deficientes, as mulheres, os negros, os pobres e outras minorias.

As crianças e adolescentes neste vir a ser são classificadas como um investimento no futuro, como um lucro a longo prazo, enfim, como consumidores em potencial e não como seres que sentem prazer, felicidade, tristeza, desejos inclusive de recriar e viver numa sociedade mais feliz, justa e humana.

As ciências médicas e biológicas têm investido significativamente no sentido de ampliar um campo de conhecimento aplicado à área desportiva, tanto a nível curativo quanto preventivo. A fisiologia do exercício e do gesto motor vem sendo decodificada progressivamente nos laboratórios de pesquisa do exercício e do esforço físico, estes em número cada vez maiores e cada vez com equipamentos mais sofisticados, cuja finalidade maior é aumentar o rendimento físico e a performance desportiva dos atletas de alta competição e a prevenção de doenças cardíacas.

Talvez este quadro explique porque nosso país tem status de primeiro mundo no tratamento de distúrbios cardíacos e identidade de miserabilidade no tratamento dos problemas pertinentes à medicina social e à saúde pública como as endemias e doenças decorrentes da fome e da pobreza absoluta. Obviamente que numa sociedade classista, que privilegia o rendimento e o lucro, a situação não poderia ser diferente. A medicina serve, neste caso, como o esporte, para atender ao interesse de uma minoria privilegiada.

A farmacologia apresenta inovações significativas, novas drogas e medicamentos são apresentados para oferecer maiores recursos à terapia de recuperação dos atletas lesionados,

a fim de deixá-los em condição de competição o mais rapidamente possível. Face à procura incessante de melhores marcas e melhores resultados, estas drogas também são utilizadas como doping; é o que se chama em nossos dias de uso indiscriminado de anabólicos esteróides, substâncias sintetizadas em laboratórios a partir de hormônios naturais, altamente cancerígenas e causadoras de outros distúrbios maléficos ao organismo humano.

Esta situação assenta-se na especialização esportiva precoce dos jovens, no treinamento esportivo torturante que visa ao resultado a qualquer preço, e, principalmente, em nossos dias, no surgimento das academias de ginástica. Tais estabelecimentos são, por sua vez, resultantes de uma conjugação inconfessável de fatores, dentre eles:

- a) a celebração de um modelo de corpo social saudável, esportista e belo na medida em que todos querem imitar os semi-deuses do esporte;
- b) o consumo alienado de uma nova marca de equipamento e de uma nova moda de roupas esportivas;
- c) a aculturação progressiva da sociedade que importa e imita modelos culturais alheios a nossa cultura;
- d) a incapacidade da instituição escolar em oferecer experiências alternativas significativas aos alunos de 1º e 2º graus.

Aumentam, em progressão geométrica, os espaços destinados ao fato esportivo nos meios de comunicação, com a finalidade de promoção da competição e de criação de interesses, de estímulos e de um clima favorável para o envolvimento da população no espetáculo esportivo.

As rádios, os jornais e emissoras de televisão investem em tecnologia e recursos humanos cada vez mais especia-

lizados para cobertura, divulgação, promoção e discussão do fato esportivo. Equipes e editoriais comparáveis em importância às editoriais de política e economia: é, segundo ECO (1984), a falação esportiva substituindo a falação político-social.

Inicia-se neste ponto a manipulação das pessoas através do esporte. Instaure-se o discurso esportivo e este obscurece o discurso sobre temas essenciais. Alienando a observação sobre os assuntos político-sociais, sobre a estrutura do sistema produtivo nas relações de poder entre as classes sociais, mantemos a dominação e a dependência entre ricos e pobres. Transferindo estas relações para o plano das nações, o esporte integra o conjunto de estratégias de exploração dos países subdesenvolvidos pelos desenvolvidos economicamente.

No último campeonato mundial de futebol, a televisão transmitiu os jogos da copa do mundo para cento e quarenta e sete países, atingiu oitocentos milhões, movimentou em comerciais trinta mil dólares por segundo e alcançou no Brasil índices de audiência fantásticos.

RAMOS (1984), ao investigar os espaços do futebol nos meios de comunicação, concluiu que o esporte é um aparelho ideológico do estado, mitifica a realidade e legitima o capitalismo.

Expõe o autor que o esporte, através dos meios de comunicação, procede a uma dupla e falaciosa alienação, pois demonstra na aparência uma total democracia e faz crer a todos a existência de liberdade de expressão. Na verdade, continua, os meios de comunicação prestam um serviço à burguesia, através de uma íntima relação entre o esporte, o capital, o poder e a comunicação.

RAMOS (1984) cita, para resumir toda a alienação,

cooptação, aculturação e sublimação que o esporte e a comunicação procedem nas pessoas, Oswaldo Rolla, consagrado jogador, árbitro, técnico e comentarista esportivo:

"O torcedor é um imbecil emocional" (RAMOS, 1984, p. 92)

"Não enfrentam seus reais carrascos. O que conduz a imobilismo político e desorganização de classe" (RAMOS, 1984, p. 93).

Todo este quadro indiretamente reforça a estrutura de produção e consumo de nossa sociedade onde o esporte passa a constituir, dentre outras, uma forma de controle sobre o desenvolvimento econômico e social de um país.

CARDOSO (1970), ao proceder à análise sociológica de desenvolvimento econômico, deixa claro que as estratégias de dominação e controle da produção e do consumo são alterados para a perpetuação da dominação dos países desenvolvidos sobre os subdesenvolvidos e nestas alterações podemos ver o conluio a que aludimos anteriormente entre os meios de comunicação e o esporte.

Em síntese, as classes dominantes não precisam mais do poder oficial para manter seus privilégios, isto foi substituído pelos canais de televisão, rádios e jornais.

"A problemática sociológica do desenvolvimento, entretanto, longe de reduzir-se a este enfoque, implica, como se disse, no estudo das estruturas de dominação e das formas de estratificação social que condicionam os mecanismos e os tipos de controle e decisão do sistema econômico em cada situação particular." (CARDOSO, 1970, p. 24)

Mais adiante o autor completa nossa assertiva:

"A compreensão de tais movimentos e forças constitui parte fundamental da análise sociológica do desenvolvimento, já que este implica sempre em alterações no sistema social de dominação e a redefinição das formas de controle e organização de produção e de consumo." (CARDOSO, 1970, p. 25)

Cumpre-nos então agora tentar compreender a contradição entre o fato de que o espetáculo esportivo é cada vez mais explorado, divulgado e enaltecido e, ao mesmo tempo, o número de pessoas sedentárias aumenta progressivamente.

TUBINO (1987) aponta para o sedentarismo como a doença do século, reconhecendo como causas a sociedade tecnológica, capitalista, que maximiza o rendimento e o consumo, desumanizando e colocando o homem a serviço da técnica e do lucro.

"O sedentarismo tem levado à chamada doença do século: a hipocinestesia. Esse sintoma da sociedade moderna ao levar os homens a uma perda da qualidade de vida fez com que o homem percebesse o valor da vida." (TUBINO, 1987, p. 56)

Corroborando com o sedentarismo e a perda da qualidade a violência urbana e as atrações oferecidas pela televisão, determinando que as pessoas fiquem mais tempo sentadas e dentro de casa.

Desnecessário, pois, é dizer que o esporte tem servido, em nosso país, à sociedade de consumo e aos interesses de minorias privilegiadas. O esporte de alto rendimento, que serve de gabarito às outras manifestações esportivas, tem influenciado o comportamento de todos, inclusive de professores e alunos, nas nossas escolas de 1º e 2º graus. E aí é que encontramos o ponto central da questão. Como alterar, então, esta situação e colocar o esporte a serviço da maioria da população, das grandes massas populares para a felicidade e expressão do

ser humano?

Para delimitar a abordagem, o encaminhamento da discussão e possíveis soluções para uma nova ordem esportiva, podemos concluir pelos seguintes tópicos:

- 1º - o descompasso entre a realidade imaginária e a realidade objetiva determinando uma contradição entre o mundo do esporte e o contexto social;
- 2º - a crise ética que permeia as elites esportivas dirigentes;
- 3º - a estrutura esportiva cúmplice e reprodutora da estrutura social iníqua que estimula a concentração de renda e as desigualdades sociais;
- 4º - a estereotipação de um modelo esportivo baseado unicamente no mito e na performance desportiva;
- 5º - as políticas governamentais - tanto federal, como estadual - na área da educação e do esporte na escola, incentivaram os objetivos e metodologias que reproduziram literalmente o esporte de alto rendimento.

Na nossa visão, o encaminhamento da questão passa invariavelmente pela escola de 1º e 2º graus, como já se disse neste estudo, por onde todos passam ou deveriam passar em atendimento ao preceito constitucional que institui a obrigatoriedade do ensino fundamental. Passa pela discussão política da educação e passa pela discussão política da Educação Física e de sua vertente mais consagrada: o esporte escolar.

O descompasso entre a realidade objetiva e a realidade imaginária de que falamos anteriormente encontra amparo na seguinte comparação: o esporte de alto rendimento, o esporte das federações esportivas, que é modelo para as demais manifes-

tações, no Rio Grande do Sul (considerado no País um estado organizado), em pesquisa que fizemos em 1990 nas dezessete maiores federações esportivas das trinta e nove existentes no Estado, apontou para um total de 30.143 atletas registrados e se fizermos uma projeção às demais chegaremos aos 100 mil registros, enquanto que a matrícula de estudantes de 1º e 2º graus em 1989 totalizava 1.665.702 alunos.

Ora, como podemos aportar para no máximo 100 mil pessoas recursos fantásticos em detrimento de quase dois milhões de alunos? Acreditamos que só podemos explicar a partir do reflexo e reprodução da desigualdade social e da concentração de renda em favor das minorias em detrimento da maioria.

Consubstanciamos nossas posições no fato de que é do conhecimento público que existem no país, a espera de soluções para problemas sociais e educacionais, 31 milhões de crianças de seis a dezessete anos, sendo que destas, 4 milhões em situação de abandono completo; 10 milhões que estudam até a 4ª série do 1º grau; 5 milhões concluem até a 8ª série e 3 milhões o 2º grau.

Sendo assim a atividade esportiva uma atividade humana, cumpre-nos interpretar o significado do esporte e dos gestos esportivos e colocá-los a serviço de uma educação libertadora e crítica das crianças e jovens adolescentes.

À crise ética que já exploramos na manipulação política do esporte, há de se adicionar o comportamento moral das elites dirigentes, como por exemplo o nosso chamado esporte nacional, o futebol, que está impregnado de negociatas, falcatruas e intermediações, além da progressiva entrada de contraventores na direção das entidades esportivas por todo o Brasil.

A estrutura esportiva cúmplice e reprodutora da estrutura social é demonstrada pela exploração dos meios de comunicação pelos feitos dos ídolos e maxivalorização do esforço como causa para grandes salários. No momento em que o trabalhador discute o salário do jogador de futebol ou do piloto de Fórmula 1, esquece de discutir o seu, simplesmente porque subliminarmente lhe colocaram na cabeça que não tem talento, nem se esforça o suficiente para receber um bom salário, quando, na verdade, é a intencional carência de oportunidades que a sociedade classista impõe à maioria do povo em todos os setores, em especial na educação, onde as oportunidades são desiguais. Logo, o esporte na escola de 1º e 2º graus como elemento do processo educativo entra nesta lógica: é discriminatório e atende a outros interesses que não os da maioria dos alunos.

CUNHA (1980) afirma que a educação brasileira desenvolveu-se historicamente baseada na doutrina do liberalismo cujos princípios gerais acentuam-se no individualismo, onde o indivíduo possui talentos e aptidões; na liberdade, sendo que a partir da liberdade individual geram-se todas as outras (econômica, política, religiosa, etc); na propriedade, entendida como direito natural; na igualdade entre homens, sem considerar os condicionamentos histórico-sociais e na democracia, que consiste no direito de todos participarem do governo escolhendo representantes livremente.

O autor enfatiza que a educação, sob a ótica da doutrina liberal, em tese, é equalizadora das oportunidades entre os homens de diferentes classes sociais, entretanto, chama a atenção que na prática a doutrina liberal produziu e acentuou as desigualdades de oportunidades, pois, na realidade, os princípios da doutrina liberal seriam eficientes quando se efetivassem todos simultaneamente.

"Pelo exposto percebe-se a estreita ligação entre os cinco princípios da doutrina liberal: o individualismo, a liberdade, a propriedade, a igualdade e a democracia. A não realização de um só deles resulta na impossibilidade de todos os outros." (CUNHA, 1980, p. 34)

Como a sociedade é estratificada em proprietários de terra, proprietário de capital e assalariados, é evidente que aquele que não tiver propriedade de terra ou capital acumulado terá um tratamento diferenciado, resultando assim a impossibilidade da educação ser uma equalizadora de oportunidades.

CUNHA (1980) assinala dois processos de discriminação social que perpassam a educação nacional: um interno e outro externo ao sistema educacional. O interno refere a distribuição desigual das oportunidades de escolarização, e o externo às diferentes condições de vida material das crianças e dos adolescentes das diferentes classes sociais.

Ainda dentro desse processo de discriminação social, interessa, segundo o autor, a qualidade do ensino que também vincula-se ao nível de renda.

Observamos com base no dizer de CUNHA (1980) o ensino diferenciado entre escolas particulares, para onde geralmente fluem os filhos da classe rica, e as escolas públicas, para onde dirigem-se os filhos de classe pobre e média baixa.

Segundo CUNHA (1980), o ensino de 1º e 2º graus para as classes ricas é propedêutico, isto é, introdutório à universalidade do conhecimento e preparatório ao 3º grau, enquanto que o ensino para as classes pobres é técnico, funcionalista, utilitário e instrumental para o trabalho. Tal situação nos permite concluir que este processo só pode acentuar as desigualdades sociais.

Sendo assim, o esporte na escola não foge à regra: por um lado, escolas bem equipadas com material suficiente para Educação Física e, por outro, escolas paupérrimas e sem condições, que só contribuem para a evasão escolar, a acomodação social e a concentração de renda.

A estreita correlação entre a concentração de renda e a educação, observa CUNHA (1980), traduz uma situação de reciprocidade, ou seja, maior salário implica melhor educação formal, o que, por sua vez, implica obtenção de empregos com remuneração maior. Educação, portanto, é efeito e causa da concentração de renda.

Ao verificarmos, pois, este quadro, é possível suspeitar que há uma intencionalidade muito forte em promover a incapacidade da escola pública, cujo perfil de matrícula consolidada-se nas classes sociais alijadas de qualquer possibilidade de melhorar sua posição na pirâmide salarial.

Resultados desta concentração de renda, desta educação desigual são demonstrados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, promovida em 1990 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística onde os 5% mais ricos da população ~~de~~ têm 40% da renda nacional. Somos 100 milhões de pobres, 24,2 milhões de analfabetos e 8 milhões de ricos. Tais números demonstram o quanto o Brasil é um país pobre e como as desigualdades sociais são acentuadas.

A Educação Física e o esporte no Brasil, construídos que foram historicamente sob a égide da doutrina liberal, da influência francesa e que tiveram como principal promotor as forças armadas, contribuíram efetivamente para a materialização desta educação desigual, destinada aos detentores da renda nacional. Por isto não é à toa que o modelo esportivo brasileiro

prioriza a performance e o rendimento na medida em que se destina a uma clientela de bem nutridos, bem dotados e com condições materiais excelentes. E, para mascarar a situação, quando algum jovem promissor, talentoso e pobre consegue êxito sem par nos esportes, por acidente, os centros de poder e os meios de comunicação empreendem esforços para glorificar seus feitos e para que o mesmo sirva de exemplo à população, veiculando, desta forma, a falácia de que todos aqueles que se esforçam chegam ao objetivo desejado.

A construção da história da Educação Física a partir das influências filosóficas e doutrinárias expostas é retratada por GHIRALDELLI JR. (1988) que determinou as tendências ainda hoje presentes na Educação Física brasileira e na prática do esporte na escola.

Diz o autor:

"A partir desses dados foi possível resgatar cinco tendências da Educação Física Brasileira: a Educação Física Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista (1930 a 1945); a Educação Física Pedagógicista (1945 a 1964); a Educação Física Competitivista (após 1964) e, finalmente, a Educação Física Popular." (GHIRALDELLI JR., 1988, p. 16)

A Educação Física Higienista vincula as práticas físicas à higiene do corpo e à assepsia social. A tendência Militarista preconiza a segurança e o preparo dos cidadãos para defender a pátria; a Educação Física Pedagógicista proclama a educação pelo movimento, na formação de comportamentos esperados; a Educação Física Competitivista vincula a atividade física à alta performance esportiva, na busca de medalha olímpica. A Educação Física Popular é a tendência que toma contornos definitivos em nossos dias. É a que pressupõe uma praxis diferenciada, uma ação crítica, onde as atividades motoras e esportis-

tas têm um significado humano, além de serem engajadas no processo educativo. É a prática vinculada à organização da população e ao contexto social. É uma tendência que tem profundo compromisso com as classes populares, a qual pensamos ser a mais adequada para a escola de 1º e 2º graus.

Tal tendência já toma corpo nos estudos teóricos e na proposta pedagógica da Secretaria de Estado da Educação elaborada no corrente ano.

Cabe-nos, portanto, examinar o espectro destas tendências presentes na educação dos professores de Educação Física que atuam nas escolas de 1º e 2º graus e qual a sensibilidade e percepção dos mesmos para assimilar novas tendências da educação física e do esporte na escola.

A primeira vista, identifica-se um predomínio da Educação Física Competitivista sobre as demais tendências e não é sem razão, na medida em que o esporte na década de 70, durante o regime militar que se instaurou no Brasil, teve um incentivo extraordinário, principalmente o escolar e universitário, onde o objetivo maior foi afastar a discussão política das escolas e universidades. Tal procedimento, entretanto não foi inusitado, porque a tutela do estado como forma de controle sobre as manifestações esportivas data desde 1941, quando, no Decreto nº 3.199 do Presidente Getúlio Vargas criou o Conselho Nacional de Desporto, órgão máximo de normatização e supervisão de todas as formas de organização do esporte nacional. O objetivo deste controle social foi submeter o esporte ao sabor dos interesses políticos imediatos do regime vigente na época.

O Conselho Nacional de Desportos administrou o esporte nacional através de resoluções, pareceres e deliberações até 1975, época em que caracterizou-se, segundo TUBINO (1987), por um Estado forte e uma sociedade civil enfraquecida.

Em 08 de outubro de 1975 foi sancionada a lei nº 6.251, regulamentada pelo decreto federal 80.228 de 25 de agosto de 1977, que instituiu a Política e o Plano Nacional de Educação Física e Desporto, disciplinando e organizando a Sistema Desportivo Nacional, tendo como eixos o controle do estado sobre as instituições civis e a experiência do futebol. Materializou graficamente esta política a chamada pirâmide esportiva que reproduziu a pirâmide social e preceituou analogamente que: da grande massa de praticantes, da quantidade, chagaríamos ao vértice, ao talento esportivo, à qualidade e à elite técnica.

Tal situação, ao nosso ver, comparada e analisada no contexto internacional, revestiu-se de um anacronismo ímpar, pois, enquanto os organismos internacionais ligados à educação física e ao esporte já professavam e direcionavam seus estudos, no sentido de estender os benefícios da prática esportiva ao cidadão comum como forma de lazer e expressão do ser humano, no Brasil, os planejamentos esportivos dirigiam-se à busca de medalha olímpica. Este estímulo internacional foi acoplado num primeiro momento a melhoria de qualidade de vida do cidadão, entretanto implicitamente também se estimulava o consumo e o capitalismo transnacional.

Segundo TUBINO (1987), os documentos que serviram de reflexões para a comunidade educacional foram: a) Manifesto Mundial do Esporte, editado pelo Conseil Internationale d'Education Physique et Sport em 1964; b) Carta Européia de Esporte para Todos, editada pelo Conselho da Europa em 1966; Manifesto da Educação Física, editado pela Federation Internationale d'Education Physique em 1970; e Carte Internationale de Educação Física e Esporte pela UNESCO (1978).

Todos os conceitos abordaram basicamente o esporte como manifestação de Educação Física em três tópicos básicos: o esporte de alta competição, o esporte nos tempos livres e o esporte na escola. Esta abordagem previa tratamentos diferenciados e metodologias próprias.

Ao mesmo tempo, a educação nacional foi regulamentada pela lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, estabelecendo-se assim as bases para o ensino de 1º e 2º graus. No artigo 7º desta lei, a Educação Física foi contemplada como obrigatória nas escolas de 1º e 2º graus.

Complementando o Decreto Federal nº 69.450 de 1º de novembro de 1971, regulamentou o ensino da educação física nas escolas e estabeleceu padrões de referência nos diferentes níveis de ensino.

Considerando, então, a época, o regime político vigente e outros condicionantes já explicitados ao longo deste estudo, não poderia se esperar algo diferente do que uma Educação Física disciplinadora e um esporte na escola extremamente competitivista.

NUNES (1985) nos chama atenção para o fato de que:

"... o que se observa, na verdade, é que na escola o esporte é usado com a finalidade de dominar o aluno, ensinando-lhe a 'regra do jogo' (isto é, hábitos sociais): num jogo, quando o apito soa, é porque a criança não está atuando de acordo com o estabelecido com o sistema. Assim, através de recompensas e punições, promove-se um condicionamento nos alunos, nas escolas, no que disciplina, ordem e hierarquia devem ser respeitadas. A questão do poder, então, fica escamoteada, posto o esporte não ter 'finalidades utilitárias imediatas.'" (NUNES, 1985, p. 70)

Insere-se neste quadro a proliferação dos cursos de graduação de professores de Educação Física em todo o país com um currículo tecnicista (REPPOLD FILHO, 1988). No Rio Grande do Sul, há ~~treze~~ ESEFs e no país mais de cem. De sorte que foram lançados no mercado de trabalho milhares de professores instruídos muito mais para serem técnicos esportivos do que edu-

cadores críticos e conscientes. Neste sentido REPPOLD FILHO (1988) clama por uma reformulação dos currículos nas escolas de graduação de professores de educação que contenham disciplinas de cunho humanista que permitam aos novos professores uma prática profissional mais adequada à realidade educacional brasileira. Hoje vemos a grande disfunção do esporte praticado na escola, que discrimina aquele que não tem talento esportivo, sendo este o que mais precisa da oportunidade e da intervenção do professor. Vemos também nas escolas um número elevado de solicitações de dispensa das aulas de Educação Física, talvez porque as práticas não têm atendido aos interesses dos alunos.

A constatação de que os programas de formação de professores de Educação Física estavam, sendo direcionados por uma pedagogia tecnicista, em que a formação humanista e os princípios pedagógicos da educação não eram considerados, levou as universidades a reformularem os seus currículos de graduação das ESEFs e determinou ao Conselho Federal de Educação, sob forte influência da intelectualidade e dos profissionais de Educação, que emitisse a Resolução nº 3 de 16/06/87, no sentido de alinhar os currículos a uma perspectiva mais humanista, dirigindo a Educação Física para o magistério.

A resolução preceitua disciplinas de cunho sociológico e filosófico como forma de corrigir os rumos da Educação Física e o esporte na escola de 1º e 2º graus.

Vivemos na década de 90 sob a égide de um reordenamento constitucional. Na Constituição Federal aprovada em 1988 e na Constituição Estadual aprovada em 1989, foram consagradas medidas especiais de proteção aos desportos. Em ambas, ressalta-se o tratamento diferenciado para o esporte na escola, tanto com fins específicos, isto é, servir à educação, como com

meios, ou seja, no aporte de recursos materiais e financeiros.

A 1ª Conferência Brasileira do Esporte na Escola, realizada em julho de 1989, durante os XVIII Jogos Escolares Brasileiros, evento que contou com a presença de alunos, professores, técnicos, árbitros, intelectuais e pesquisadores de todo o país, consagrou uma nova proposta de jogos escolares, sob os princípios da participação, cooperação e co-educação. Buscou a integração de todo alunado, bem como a aproximação do esporte na escola dos princípios educacionais, tendo como ponto principal o resgate da espontaneidade, da gratuidade e do competir com em vez do competir contra. Resultou desta conferência a Carta Brasileira do Esporte na Escola, documento emitido ao final do evento com alertas importantes aos professores no sentido de evitar a seletividade e maximização da competição em jogos envolvendo escolares.

Em processo de discussão, tramitam no Congresso Nacional dois projetos de lei: um refere-se às bases e diretrizes do desporto nacional, que prevê o fim da interferência estatal nas práticas esportivas; o outro projeto é a futura lei de diretrizes e bases da Educação Nacional que reconhece a importância das práticas esportivas na escola de 1º e 2º graus, inclusive já consagrando, nas discussões no artigo 1º, o direito dos alunos ao esporte e ao lazer.

Diz o artigo 2º do referido projeto de lei que, entre os fins da Educação Nacional, está:

" III - o preparo do cidadão para compreensão e o exercício do trabalho, mediante acesso à cultura, ao conhecimento científico, tecnológico e artístico e ao desporto."

O artigo 36 do referido projeto diz:

"A educação física integra a proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório na Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, de modo a contribuir para o desenvolvimento do organismo e da personalidade do educando."

Sensível às imposições da comunidade e reconhecendo a importância do esporte na escola como poderoso instrumento pedagógico e legislador, inclui o referido projeto no artigo 37 o seguinte texto:

"Os sistemas de Ensino promoverão, em todos os níveis:

I - o desporto educacional e as práticas esportivas não formais tendo como objetivo a formação integral para a cidadania e o lazer, evitadas as características de seletividade e competitividade de outras manifestações esportivas."

Observa-se que a referência é especificada, evitar a seletividade e a competitividade, aquela que já descrevemos na tendência competitivista da Educação Física (GHIRALDELLI JR. 1988). Preocupou-se também o legislador em definir e diferenciar o desporto educacional, o desporto formação, aquele que é causa e efeito de Educação Física curricular (TUBINO, 1988) do desporto performance, de alto rendimento, do espetáculo esportivo. Na perspectiva do lazer, o legislador tem a preocupação com o esporte participação, o esporte de tempo livre. Assim, Esporte Performance, Esporte Participação e Esporte Formação são manifestações que fazem parte hoje do conceito moderno de esporte no Brasil.

Finalmente, parece-nos claro que a análise do esporte na escola é precedida por um referencial teórico, por

uma discussão político-pedagógica, por uma visão de mundo, uma visão de sociedade e uma visão de homem.

A educação é um ato político, não é um fenômeno neutro. Aqueles que propalam a neutralidade da educação e do esporte na escola estão muitas vezes, inconscientemente, a serviço da dominação das minorias sobre a maioria da população (FREIRE, 1985). Assim, o esporte na escola deve assumir uma postura crítica, discutir sobre o que até agora tem sido feito e, neste sentido, SERGIO (1989) alerta:

"Não há desporto neutral, porque não há neutralidade quando se está em movimento. Quem se movimenta. age! Quem age escolhe!" (SERGIO, 1981, p. 7)

Evidentemente, como já dissemos, o esporte na escola não é um fenômeno isolado, pelo contrário, é integrado numa totalidade político-pedagógica e SANTIN (1989) remete a Educação Física a esta condição quando afirma:

"Falar em Educação Física como uma atividade educativa implica defender a idéia da totalidade do ser humano. Não apenas uma totalidade individual, mas como totalidade social." (SANTIN, 1989, p. 8)

Nesta esteira, alertando e oferecendo indicativos para uma nova prática do esporte na escola, LORENZ (1986) esclarece:

"É lastimável que muitas formas de esporte venham perdendo, destarte, suas características de brincadeiras e jogos alegres, e com elas não somente já tenham perdido sua função de aliviar o stress como também se hajam transformado numa fonte a mais para esse mesmo stress." (LORENZ, 1986, p. 34)

Por isso, para ultrapassar as limitações que nos oferece a simples observação do fenômeno da Educação Física e do esporte na escola, temos realizado um estudo sobre o valor educativo do esporte praticado na escola, e deste como instrumento de educação.

2. PROBLEMA

A intelectualidade da Educação Física tem questionado o valor da Educação Física e do esporte na escola como instrumentos político-pedagógico a serviço da Educação.

Em seminários, simpósios e congressos, realizados em todos os lugares do País, são investigados paradigmas, valores, conceitos e metodologia da Educação Nacional, onde o esporte na escola tem despertado controvérsias que, dissecadas, reportam-nos ao contexto social.

Os órgãos oficiais de supervisão do ensino da Educação Física e os de promoção de eventos esportivos entre escolares têm propostas de alteração curricular da Educação Física de 1º e 2º graus e uma nova abordagem das competições e jogos entre escolares, tanto a nível estadual como nacional conforme consta no Relatório da Subsecretaria de Desporto do Estado do Rio Grande do Sul (1991).

Temos um contexto que, já vimos, privilegia a sociedade do lucro e do rendimento, onde o esporte assume a identidade de elemento escamoteador.

Como então proceder às mudanças necessárias não só no que respeita ao esporte na escola, como também a toda estrutura social?

Esta se constitui numa grande dificuldade porque, na nossa visão, a escola é o lugar onde estas modificações devem ocorrer o mais breve possível para que seu efeito se propague para toda a sociedade. Na escola é que se fará a construção de um novo fazer esportivo, mais humanista e crítico, que realmente contribua para um modelo de sociedade democrática, mais justa e solidária, que efetivamente proporcione ao aluno o exercício pleno da cidadania. Portanto, o papel do professor de Educação Física na escola de 1º e 2º graus assume uma importância muito grande na construção, não só de uma nova ordem esportiva, mas de uma nova ordem social.

Desconhece-se, no momento, até que ponto os professores de Educação Física das escolas de 1º e 2º graus estão conscientes da importância do esporte praticado na escola como um instrumento de educação e quão impregnados estão da ideologia que elitiza e descontextualiza o esporte, isolando-o da sua função educativa. Decorre daí o seguinte problema de pesquisa: como é a prática do esporte nas escolas de 1º e 2º graus, públicas e particulares de Porto Alegre, segundo os professores de Educação Física?

Como objetivos específicos, pretende-se:

- 1) identificar os aspectos fundamentais da prática do esporte na escola;
- 2) estabelecer se o professor de Educação Física de 1º e 2º graus relaciona criticamente a prática esportiva na escola com o contexto social que a envolve;
- 3) elaborar um conjunto de sugestões que vise aprimorar a prática esportiva na escola, tendo presente uma ênfase no desenvolvimento integral do ser humano, para uma educação e uma sociedade mais justas.

Pensamos que o presente estudo assume uma relevância considerável, pois pretendemos, após ter conhecimentos dos seus resultados, fornecer subsídios para o sistema estadual e municipal de ensino, referentes às considerações dos professores de Educação Física quanto à prática do esporte na escola de 1º e 2º graus como instrumento educativo, no município de Porto Alegre. De posse destas informações, os órgãos oficiais de ensino poderão projetar e executar programas de treinamento e capacitação de recursos humanos a professores de Educação Física e professores de outras áreas, tanto da rede pública como da rede particular de ensino.

Através dos programas de treinamento e capacitação de recursos humanos a que nos referimos, poderão ser divulgadas as informações e as concepções apresentadas neste estudo, acerca dos valores da prática esportiva, como mais um instrumento de educação, o que determinará, num primeiro momento, uma maior discussão a respeito do tema e, num segundo momento, no âmbito da escola, algumas mudanças significativas no fazer pedagógico dos professores, nas aulas de Educação Física.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo do Estudo

Este estudo é de natureza descritivo-explicativa. O aspecto explicativo, segundo TRIVIÑOS (1987, p. 138), pensamos que o alcançamos, eliminando a visão isolada do problema que nos orientou num primeiro momento, e adotando a abordagem de uma perspectiva social da prática esportiva na escola.

3.2 População e Amostra

A população deste estudo ficou constituída por todos os professores de Educação Física de 1º e 2º graus, das escolas públicas e particulares da cidade de Porto Alegre, num total de 1.838, distribuídos nas 403 escolas da cidade (Tabelas 1 e 2). Ao total dos professores foi enviado o questionário. Foram devolvidos 218 questionários, quantidade esta que constitui a amostra.

TABELA 1 Professores de Educação Física nas escolas de 1º e 2º graus no município de Porto Alegre

	ESCOLAS ESTADUAIS	ESCOLAS PARTICULARES	ESCOLAS MUNICIPAIS	ESCOLAS FEDERAIS	TOTAL
1º grau	604	289	100	06	999
2º grau	175	116	05	07	303
TOTAL	779	405	105	13	1.302

Obs. 1: Os dados referentes a 1989 e 1990 encontram-se em apuração final de fechamento dos dados no Setor de Informática da Secretaria da Educação.

Obs. 2: A diferença entre o número total de professores de Educação Física nesta tabela e o encaminhamento de 1.838 questionários enviados deve-se à atualização de dados feita pelo pesquisador.

TABELA 2 Número de escolas existentes em Porto Alegre segundo a dependência administrativa/1989

DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	NÚMERO
Escola Municipal	37
Escola Federal	03
Escola Particular	119
Escola Estadual	244
TOTAL	403



Obs.: Dados preliminares obtidos no Setor de Informática da Secretaria da Educação/1989.

3.3 Coleta de Dados

Realizamos a coleta de informações através dos seguintes meios:

3.3.1 Questionário

O questionário (Apêndice 1) foi dividido em duas partes. A primeira parte, fechada, constou de informações gerais do professor, tais como: idade, sexo, nível de instrução e atualização, tipologia da escola onde atua o professor, regime de trabalho semanal, tempo de serviço na função e suas preferências quanto à prática esportiva. Objetivamos, nestes tópicos, caracterizar os professores de Educação Física que trabalham em Porto Alegre, a fim de ter estas informações presentes na análise e interpretação dos dados.

Na segunda parte do questionário, a parte aberta, apresentamos aos professores as seguintes questões: na sua opinião, qual é a importância da prática do esporte na escola para o aluno, para a escola e para a sociedade? Segundo que critérios você escolhe o esporte a ser praticado nas aulas de Educação Física?

Aplicamos este instrumento, previamente, a título de teste, em seis professores de Educação Física e, conforme críticas e sugestões, reelaboramos alguns tópicos.

3.3.2 Observação livre

A observação das aulas de Educação Física teve por fim registrar as ocorrências significativas que caracterizavam a metodologia de ensino empregada pelo professor durante a prá-

tica do esporte na escola. Para auxiliar esta tarefa, estruturamos um roteiro de observações (Apêndice 2).

Utilizamos o gravador, a fim de que se aumentasse a exatidão das observações.

Foram fatores de dificuldades nas primeiras observações o constrangimento do pesquisador e o fato de que os professores, ao se sentirem observados, exteriorizavam alguns comportamentos estereotipados, principalmente pelo conhecimento da situação funcional eventual do observador. Isto algumas vezes nos levou a efetuar observações sem que os observados percebessem este procedimento.

3.3.3 Entrevista Semi-estruturada

Para realização da entrevista, organizamos um roteiro de tópicos (Apêndice 3), os quais serviram de estímulo às declarações dos professores; respeitamos sempre suas posições e concepções. Muitas vezes encaminhamos a retomada do tema a fim de aprofundar os tópicos.

É interessante salientar que, para a efetivação deste estudo, recorreremos primeiramente aos setores de informática, tanto da 1ª Delegacia de Educação, como da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul. Buscamos auxílio na estrutura e no fazer da Subsecretaria de Desporto do Rio Grande do Sul, principalmente quanto à perspectiva histórica e nos referenciais teóricos desenvolvidos atualmente.

Com relação aos dados estatísticos, dificultou nosso trabalho o fato de que os órgãos oficiais (SE e 1ª DE) só possuem dados exatos quanto ao número de escolas e número de professores de Educação Física de 1988, os anos subsequentes estão ainda em totalização. Dessa forma, foi necessário atualizar os dados através de telefone e de visitas pessoais.

Dos questionários enviados, já o dissemos , retornaram 218, dos quais extraímos aleatoriamente escolas para observação.

A fim de que encaminhássemos e executássemos as observações nas escolas públicas, obtivemos tanto da 1ª Delegacia de Educação, como da Secretaria Municipal de Educação, uma carta de apresentação. Nas escolas federais, conversamos direto com a direção das mesmas.

Nas escolas particulares, na maioria dos casos, fizemos duas visitas para cada observação, o que demandou tempo.

Dificultou também as observações o fato de que, neste período, ocorreu uma greve nas escolas públicas estaduais e uma greve nas escolas particulares.

Realizamos entrevista com seis professores de escolas públicas e seis professores de escolas particulares. Estes professores foram escolhidos, segundo o conhecimento pessoal do pesquisador, o tempo disponível dos mesmos, bem como seu interesse em fornecer subsídios para este trabalho.

Procuramos sempre balizar a entrevista no sentido de que o tema, o esporte na escola, fosse o foco central dos discursos.

3.4 Análise e Interpretação dos Dados

Os dados da parte fechada do questionário foram tabulados e sintetizados em quadros e tabelas, usando estatística simples de distribuição de frequência absoluta e relativa.

Para a parte aberta do questionário, procedeu-se da seguinte maneira: primeiro, sublinhamos as respostas dos professores que mantinham relação com as perguntas. Em seguida,

fizemos uma listagem das idéias para cada pergunta não repetida (Apêndices 4, 5 e 6). Logo, categorizamos as idéias para então listá-las dentro destas categorias.

Com a observação livre das aulas de Educação Física, e também com a entrevista semi-estruturada, realizamos um processo idêntico ao detalhado para o questionário.

Realizamos a interpretação dos dados considerando a literatura, as tabelas, quadros, listagem de categorias, idéias, fragmentos de entrevista, de respostas do questionário aberto e a própria experiência profissional do pesquisador.

4 ESPORTE NA ESCOLA: CONTRADIÇÕES E ALTERNATIVAS

4.1 Quem São os Professores de Educação Física em Exercício nas Escolas de 1º e 2º Graus no Município de Porto Alegre/RS

Retornaram, como já dissemos, 218 questionários, 12% da população e, com base nesta amostra, foi possível descrever quem são os professores de Educação Física em exercício nas escolas de 1º e 2º graus no município de Porto Alegre e quais suas opiniões sobre o esporte na escola.

Dos professores de Educação Física em atuação no município de Porto Alegre, 41,7% são do sexo masculino e 58,3% do sexo feminino (Quadro 1).

Na faixa etária dos 31 a 40 anos, concentra-se a maioria dos professores de Educação Física em exercício nas escolas de 1º e 2º graus de Porto Alegre (Quadro 1). Esta informação cruzada com o tempo de serviço na função (Quadro 4), onde 63,3% dos professores de Educação Física têm entre 6 e 15 anos de serviço, permite observar as influências da Educação Física Competitivista (GHIRALDELLI JR., 1988) na atual realidade escolar, pois este período, que oscila entre 10 e 15 anos, coincide com a década de 70, período em que foi incentivada,

QUADRO 1 Idade e sexo dos professores

IDADE \ SEXO	SEXO		TOTAL	%
	MASCULINO	FEMININO		
20 - 30	12	31	43	19,7
31 - 40	46	71	117	53,6
41 - 50	29	21	50	22,9
51 em diante	4	4	8	3,8
T O T A L	91	127	218	-
%	41,7	58,3	-	-

pelo Governo Federal, a criação de cursos de graduação em Educação Física por todo o País, cujos currículos evidenciavam uma ênfase tecnicista (REPPOLD FILHO, 1988). Foi neste período também que aconteceram os concursos para ingresso no magistério estadual (1975, 1979) onde se registrou o ingresso em elevado número de professores de Educação Física, que ainda hoje exercem o magistério.

Também no início da década de 70, quando os governos federais e estaduais criaram e desenvolveram projetos de eventos esportivos na área estudantil, tanto a nível federal como estadual, nasceram, em 1969, os Jogos Escolares Brasileiros e, em 1971, os Jogos Escolares do Rio Grande do Sul, com a denominação de Campeonato Escolar Gaúcho.

É interessante observar no Quadro 2 que, com relação à formação profissional, 60% dos professores têm curso de especialização e 39,1% fizeram apenas a graduação e não prosseguiram seus estudos. Observa-se também no Quadro 2 que menos de 1% da amostra tem curso de mestrado.

A maioria dos professores trabalham nas escolas públicas estaduais, cerca de 49%. Face aos estímulos da legislação do plano de carreira do magistério estadual, a categoria dos professores estaduais e dos professores com curso de especialização apareceu numa relação de 2 por 1, ao contrário do que ocorre na categoria dos professores das escolas particulares, onde esta relação é inversamente proporcional (Quadro 2).

É também no grupo de professores das escolas estaduais que aparecem os professores com curso de mestrado.

Do total, 20% dos professores trabalham simultaneamente em escolas públicas e particulares. Este número elevado de professores com mais de um vínculo empregatício cer-

QUADRO 2 Tipo de escola em que trabalha e nível de formação profissional

FORMAÇÃO ESCOLA	GRADUAÇÃO	ESPECIA- LIZAÇÃO	MESTRADO	TOTAL	%
ESTADUAL	37	68	02	107	49
PARTICULAR	28	15	zero	43	19,7
MUNICIPAL	09	12	zero	21	9,6
FEDERAL	zero	04	zero	04	1,9
ESTADUAL/ PARTICULAR	07	13	zero	20	9,2
ESTADUAL/ MUNICIPAL	04	14	zero	18	8,3
OUTROS	zero	03	zero	05	2,3
T O T A L	85	131	02	218	100
%	39,1	60	0,9	100	-

tamente tem dificuldade para participar de programas de atualização profissional (Quadro 2).

É interessante observar que a grande maioria dos professores de Educação Física em exercício nas escolas de 1º e 2º graus de Porto Alegre trabalham no 1º grau, cerca de 60% da amostra, o que nos leva a supor que neste grupo deve estar o alvo dos projetos de trabalho na área de transformação e discussão de novas concepções referentes à prática do esporte na escola (Quadro 3).

Por outro lado, os percentuais do Quadro 4 mostram que mais de 60% dos professores trabalham 40 horas ou mais por semana, o que nos leva a pensar sobre as dificuldades de uma reflexão mais crítica sobre as práticas esportivas na escola, sem contar a exploração do professor no mercado de trabalho, considerando a carência de tempo para estudos (Quadro 5).

Na preferência quanto à prática esportiva, o voleibol está em primeiro lugar com a maioria absoluta (84,8%) e o futebol, o chamado esporte nacional, em quinto lugar com 39,4%. Sobre estes dados é possível estabelecer conjecturas que nos levam à questão do espaço físico nas escolas, como também nos grandes centros urbanos. Lembrando a faixa etária onde se concentra a maioria dos professores e o tempo de serviço na função, é possível pensar e relacionar estes dados ao tempo em que estes professores cursaram a graduação, época em que alguns esportes, tais como voleibol, basquetebol, handebol e atletismo, tiveram grande incentivo nos currículos das ESEFs, bem como campanhas publicitárias e estágios de técnicos fora do País. O futebol nas duas últimas décadas foi marginalizado na escola, face àquele dito popular entre a classe que o professor larga a bola de futebol para os alunos e não faz nenhuma intervenção pedagógica.

QUADRO 3 Grau de ensino em que os professores trabalham

NÍVEL	1º GRAU	2º GRAU	1º e 2º	2º e 3º	1º, 2º e 3º	PRÉ-ESCOLA	TOTAL
Nº	131	21	58	01	04	03	218
%	60	9,6	26,6	0,5	1,9	1,4	100

QUADRO 4 Carga horária semanal
Tempo de serviço como professor de Educação Física

CARGA HORÁRIA SEMANAL TEMPO DE SERVIÇO	20h	30h	40h	60h	TOTAL	%
0 - 5 anos	18	06	03	01	28	12,8
6 - 10 anos	26	06	37	04	73	33,5
11 - 15 anos	09	05	43	08	65	29,8
16 - 20 anos	03	zero	26	05	34	15,6
21 - 25 anos	01	02	04	03	10	4,6
26 - 30 anos	01	01	zero	01	03	1,4
31 em diante	zero	zero	02	zero	02	0,9
T O T A L	58	20	115	22	215	98,6
%	26,6	9,1	52,7	10,2	98,6	-

Obs.: Não informado

03 1,4%

QUADRO 5 Preferência dos professores de Educação Física quanto à prática dos esportes

ESPORTES	Nº	%
1 - VOLEIBOL	185	84,8
2 - ATLETISMO	126	57,7
3 - BASQUETEBOL	108	49,5
4 - HANDEBOL	100	45,8
5 - FUTEBOL	86	39,4
6 - FUTEBOL DE SALÃO	64	29,3
7 - NATAÇÃO	25	11,4
8 - GINÁSTICA	11	5,0
9 - G. R. D.	07	3,2
10 - ATIVIDADES RECREATIVAS	07	3,2
11 - GINÁSTICA AERÓBICA	05	2,2
12 - TÊNIS	05	2,2
13 - DANÇA	04	1,8
14 - JUDÔ	03	1,3
15 - GINÁSTICA OLÍMPICA	03	1,3
16 - OUTROS	03	1,3
17 - NÃO ESPECIFICOU	04	1,8

* Neste quadro, os professores apontaram mais de um esporte de sua preferência. Isso explica o fato de que só o voleibol com 84,8% e o basquetebol com 57,7% ultrapassaram os 100% da amostra.

Também foi possível observar (Quadro 6) que apenas 17% dos professores têm uma única preferência entre as práticas esportivas. Leva-nos a pensar no ecletismo do professor de Educação Física de Porto Alegre, pois quase 50% (49,9%) dos professores preferem entre 3 e 4 modalidades esportivas e os demais 33% preferem acima de 4 modalidades (5 em diante).

É possível supor que a grande maioria dos professores tem condições de oferecer aos alunos experiências esportivas variadas, pois a experiência nos mostra que o professor tende a trabalhar com os alunos aqueles conteúdos de que mais gosta e aqueles em que tem mais habilidade.

QUADRO 6 Incidência de número de modalidades preferidas apontadas pelos professores de Educação Física

Nº	1	2	3	4	5	6	7	8	N/E	TOTAL
Nº DE VEZES	17	37	68	41	26	13	10	02	04	218
%	7,7	16,9	31,1	18,8	12	5,7	4,3	0,9	1,9	100

* Este quadro apresenta quantos professores têm preferência por um, dois, ou mais esportes simultaneamente. Assim, 68 professores, cerca de 31,1%, têm 3 modalidades esportivas preferenciais.

4.2 O Sentido do Esporte na Escola

4.2.1 Introdução

O esporte na escola, a Educação Física bem como o esporte em geral, tem sido objeto de análises, estudos, debates e conferências. Entretanto, ainda precisamos definir com maior clareza o esporte na escola, manifestação esportiva que engloba e reflete as grandes contradições do esporte em nossos dias.

É mister que se relacione e contextualize este esporte escolar no âmbito da escola como instituição e se ilumine este palco no seio da sociedade.

Evidentemente, muito já se disse que o esporte, enquanto fenômeno social, tem seus determinantes estruturais e conjunturais difusos historicamente nas raízes econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais da sociedade.

Segundo nossos estudos, observações e nossa intenção de sistematizar os subsídios fornecidos pelos professores, a importância do esporte na escola está estruturada fundamentalmente nas seguintes categorias: a) Movimento; b) Socialização; c) Desenvolvimento Moral e Intelectual; d) Superação; e) Saúde; f) Afetivo; g) Promoção e Desenvolvimento da Escola; h) Formação e Desenvolvimento do Aluno; i) Estrutural Crítica; j) Estrutural Alienada; k) Cultural.

TABELA 3 Categorias sobre a importância do esporte na escola, para o aluno, segundo os professores

1. CATEGORIA - MOVIMENTO

- Desenvolvimento, condicionamento e treinamento físico das valências físicas, das habilidades motoras e da psicomotricidade e da performance técnica.
- Conhecimento, consciência e domínio corporal, expressão corporal, resgatar a corporeidade.
- Gosto pela atividade física.
- Satisfação pessoal e da necessidade de movimento.
- Liberação de energias e tensões, preocupações acumuladas.
- Reflexão de sua ação corporal, levando-o a descobrir movimentos novos que é capaz de executar, que lhe propiciará um maior domínio corporal, bem como situações que lhe causarão prazer, crescimento, tristeza e outros sentimentos.
- Sair da sala de aula.
- Educar através do movimento.
- Hábito e formação para o lazer, ludicidade, ocupação do tempo livre.
- Caráter recreativo (possibilidade de recrear-se, prazer do jogo).
- O esporte escolar não deve ter como objetivo a formação de tletas, pois é um desestímulo ao prazer de brincar, bem como distúrbios psico-fisiológicos e se não for bem conduzido, leva à violência, à competição e maus sentimentos.

2. CATEGORIA - SOCIALIZAÇÃO

- O esporte tem por finalidade precípua auxiliar o homem a explicar sua própria personalidade e a de integrar-se de maneira criadora e ativa no mundo em que vive.
- Para participar de competições escolares.
- Meio de descobrir novas amizades e interesses.
- Capacidade de comunicação.
- Possibilidade de prática esportiva no futuro.
- Participar de campeonatos.
- Regras do jogo iguais às regras da vida.
- Alienante.
- Elemento aglutinador.
- Sociabilidade, preparar o aluno para a vida em sociedade, convivência, trabalho em grupo.
- Socializador. Socialização, independente de preconceitos.
- Responsabilidade, liderança, segurança.
- Espírito cívico.
- Aprender a assistir a um jogo.
- Espírito de equipe.
- Substitui o clube.

3. CATEGORIA - DESENVOLVIMENTO MORAL E INTELECTUAL

- Conhecer o mundo ao seu redor.
- Influência no processo ensino-aprendizagem, tornar mais completo.

- Ampliar seus horizontes culturais.
 - Integração cognitiva e intelectual, encontro do físico com o intelecto.
 - Valoriza a auto-estima.
 - Desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor.
 - Desenvolvimento bio-psico-social.
 - Exercício de tomada de decisões.
 - Aprender a julgar os próprios atos e dos colegas.
 - Respeitar autoridade.
 - Valores morais.
 - Desenvolvimento mental, raciocínio.
 - Formação global do aluno.
 - Desenvolvimento da criatividade.
 - Desenvolvimento da personalidade, que o aluno assuma sua identidade, formação do caráter e personalidade.
 - Respeito a si mesmo.
 - Ordem e disciplina, saber as regras do jogo e da escola.
 - Saber seus limites
 - Atenção.
-

4. CATEGORIA - SUPERAÇÃO

- Vontade de lutar pela vitória.
- Espírito de superação, vontade de vencer, tenacidade.
- É o ápice para que o aluno expresse seu potencial físico e emocional.
- Preparar para vida competitiva.
- Espírito esportivo.
- Espírito de competição.
- Enfrentar assaltos e perseguições.

- Reforça esforços individuais para alcançar objetivos.
 - Aperfeiçoamento de atletas, iniciação esportiva, da carreira esportiva, surgimento de grandes atletas.
 - Admiração dos demais colegas, prestígio do aluno em seu ambiente.
-

5. CATEGORIA - SAÚDE

- Proporcionar hábitos e atitudes em geral e de higiene.
 - Prevenção ao uso de drogas.
 - Saúde em geral e para o corpo, sistema nervoso e circulatório, massa muscular, desenvolvimento harmônico.
-

6. CATEGORIA - AFETIVO

- Solidariedade e humanidade, afetividade.
- Válvula de escape para a repressão.
- Motivação para as demais aulas.
- Desinibidor, fluir emoções.

4.2.2 Movimento

É no movimento que podemos dizer, face às nossas observações, que predomina a argumentação sobre importância do esporte na escola para os professores de Educação Física de Porto Alegre. Esta importância, de acordo com nossa interpretação, parte de duas bases diferenciadas e opostas.

Uma advém, na perspectiva histórica, do desenvolvimento da Educação Física no Brasil desde sua institucionalização, ao longo dos tempos até nossos dias. Advém de um conceito dualista pragmático, utilitário e funcionalista da prática esportiva cujo o paradigma de movimento, determinava o estudo do movimento corporal humano de forma aséptica descontextualizando-o do seu meio ambiente, como podemos observar na declaração seguinte:

"Desenvolvimento, condicionamento e treinamento das habilidades motoras, da psicomotricidade e performance técnica" (Professor, 39 anos, sexo masculino, 15 anos de experiência, leciona em escola de 1º e 2º graus).

A visão acima transcrita reforça a ênfase biológica, o caráter compensatório e a perspectiva do rendimento esportivo. A maximização desta postura no seio da instituição escolar revela o caráter alienador e domesticador do esporte na escola, ao melhor exemplo das teorias de Althusser (SAVIANI, 1986, p 25-9).

Respostas como: "... o esporte é importante na escola porque o aluno sai da sala de aula ..." (Professor, 25 anos sexo feminino, 4 anos de experiência, leciona em escola de 1º e 2º graus) demonstram bem o caráter compensatório que falamos anteriormente, desprovido de qualquer reflexão, manifestando assim uma ação ingênua.

Em nossas observações, verificamos, muitas vezes, que os professores, com estas posições, utilizam uma rotina

padrão que descreveremos a seguir.

- 1º momento: alunos chegam para iniciar a aula;
- 2º momento: professor e alunos falam de assuntos diversos;
- 3º momento: professor faz a chamada e inicia o aquecimento com corridas e exercícios que envolvem os grandes grupos musculares, dirige exercícios que aceleram a respiração e os batimentos cardíacos e se instaura um clima de euforia entre alunos;
- 4º momento: demonstra exercícios físicos localizados e diz o número de repetições;
- 5º momento: descreve exercícios técnicos acerca de fundamentos do esporte em questão e determina a execução;
- 6º momento: finalizando, realiza um grande jogo e encerra a aula;
- 7º momento: apresenta-se nova turma e a rotina se repete.

Como dissemos, essa rotina demonstra bem o caráter prático e a ótica do condicionamento físico, manifestado nas respostas e entrevistas dos professores.

Ainda dentro dessa rotina, acontecem dois procedimentos diferenciados: aquele em que o professor vai até o aluno e corrige o movimento do mesmo que, segundo ele, professor, o aluno está executando de maneira incorreta e há aquele procedimento em que o professor não se preocupa com o aluno que

faz os movimentos errados.

Durante o jogo, a ação do professor, na maioria das vezes, é gritar em torno da quadra ou campo para que o aluno efetue corretamente os movimentos ou ainda ir ocupar-se de outros assuntos. Com menor incidência, o professor pára o jogo e demonstra o que o aluno deve fazer. A preocupação principal do professor nesse "status quo" é com o bom praticante.

A outra base de respostas quanto à importância do esporte na escola, na categoria movimento, é resultado da postura segundo a qual a plenitude do aluno é o objetivo da atividade.

Nessa base, estimulam-se a criatividade, o gosto e o prazer do movimento e apresenta uma perspectiva educacional, onde o estudo do homem pressupõe levar em consideração o meio ambiente. A resposta abaixo nos permite algumas ponderações nesse sentido.

"O esporte na escola é importante para o aluno porque lhe possibilita uma reflexão sobre sua ação corporal, levando-o a descobrir movimentos novos que é capaz de executar, que lhe propiciará um maior domínio corporal, bem como situações que lhe causarão prazer, crescimento, tristeza e outros sentimentos!" (Professor, 34 anos, sexo masculino, 10 anos de experiência, leciona em escola de 2º grau).

Nas observações, as aulas onde o esporte foi predominante - que revelam estas alternativas, isto é uma metodologia diferenciada e que priorize esta concepção mais crítica onde o aluno é o sujeito da prática esportiva - foram aquelas aulas onde não houve diferenciação de sexo, onde o professor manifestou no início da aula o que iria fazer, foi sensível à sugestão dos alunos para este ou aquele jogo, dialogou, auxiliou os alunos e permitiu que eles executassem outros movimentos diferentes daqueles estandardizados pelo esporte institu-

cionalizado.

Observamos que nesse tipo de aula, por um lado, houve um menor rendimento técnico-desportivo, menor eficácia do gesto e, por outro, o contato e o toque físico entre os alunos aconteceram com maior frequência. Os alunos conversavam mais e era maior o nível de ruído durante toda a atividade. A participação dos alunos foi mais afetiva e emocional.

Este tipo de postura nos permite também observar que, além dos valores intrínsecos do esporte, é possível, através dele, atingir uma visão total de homem (sentimento e movimento como algo único).

Respostas como: "A importância do esporte na escola para o aluno está no conhecimento, consciência e domínio corporal, expressão corporal e resgatar a corporeidade..." (Professor, 27 anos, sexo feminino, 5 anos de experiência, leciona em escola de 1º grau) revelam uma profunda preocupação com a criticidade, ou seja, uma reflexão do que se faz e porquê se faz determinada prática esportiva, questiona ainda o valor dessa prática.

Há ainda o alerta de respostas que expressam a inconveniência da manutenção do atual comportamento em grande número de escolas.

"O esporte escolar não deve ter como objetivo a formação de atletas, pois é um desestímulo ao prazer de brincar, bem como causa de distúrbios psico-fisiológicos e se não for bem conduzido, leva à violência, à competição e aos maus sentimentos." (Professor, 39 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em escola de 1º grau)

Observamos, nas entrelinhas desta afirmativa, uma visão crítica dos objetivos do esporte na escola até então: reprodução do esporte espetáculo visto na televisão e grandes

estádios. Esta observação crítica pode-se constituir em base para construção de um outro esporte na escola.

SERGIO (1989, p. 15-25), ao professar a Ciência da Motricidade Humana, reforça tal posição quando nos diz que a motricidade humana pressupõe uma visão sistêmica do homem; um homem não especializado e carente, aberto ao mundo, aos outros homens e à transcendência é um ser prático que procura a realização, a felicidade e a esperança.

Reforçando a idéia de que o movimento não é apenas uma prática mecânica, biológica, cega, mas sim algo pleno de significado, pertinente ao homem que transcende, SANTIN (1987) diz:

"Todo movimento, quando nascido do dinamismo expressivo do homem, transforma-se em linguagem. Os gestos repetitivos deixariam de ser falantes para tornarem-se atividades maquinais". (SANTIN, 1987, p. 79)

4.2.3 Socialização

Segundo os professores de Educação Física de 1º e 2º graus das escolas de Porto Alegre, a importância do esporte na escola, para o aluno, para a escola e para a sociedade, está na socialização.

A socialização do aluno, através do esporte, foi ressaltada nas respostas aos três itens: a importância do esporte para o aluno, para a escola e para a sociedade. As respostas foram formalizadas diferentemente, porém com conteúdo e essência comuns a todos.

Observemos as seguintes declarações:

"O esporte na escola é importante para o aluno na socialização, para preparar o aluno para a vida em sociedade." (Professor, 48 anos, sexo masculino, 21 anos de experiência, leciona em escola de 1º e 2º graus)

"O esporte na escola é importante para a escola na socialização do aluno." (Professor, 43 anos, sexo feminino, 16 anos de experiência, leciona em escola de 1º grau)

"O esporte na escola é importante para a sociedade para a vivência em sociedade, participação e competição." (Professor, 37 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em escola de 1º grau)

"O esporte na escola é importante porque o aluno aprende as regras do jogo que são iguais às regras da vida." (Professor, 39 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em escola de 1º grau)

Instigados por esta situação apresentada, verificamos a multiplicidade dos agentes de socialização do aluno: o meio em que a criança vive, a família e os grupos de convivência da comunidade, a escola, que é, sem sombra de dúvida, na nossa sociedade, o maior agente de socialização da criança, enquanto transmissora de valores socialmente aceitos e, por fim, os próprios alunos, enquanto reprodutores de valores sociais já internalizados no seu processo de amadurecimento. É nas relações com os demais e na convivência que acontece a descoberta de identidade por parte do aluno.

As observações que fizemos, bem como as entrevistas, demonstram, reforçando as respostas dos questionários, que "socialização", para a maioria dos professores que participaram deste estudo, está associada às idéias de sociabilidade, isto é, tornar o indivíduo sociável, capaz de conviver com os demais

sob a ótica da aprendizagem das regras já estabelecidas do convívio social.

Percebemos como impressão também que na maioria das vezes, os professores encaram a socialização do aluno como algo desconectado, natural, neutro, ingênuo, desprovido de uma reflexão mais profunda e que deve acontecer sem qualquer questionamento.

Nas palavras de FREIRE (1989):

"O homem é um ser social. Para se chegar a isto, no entanto, deve-se levar em conta o tempo de maturação biológica, as coordenações espaço-temporais, a formação da imagem corporal, o desenvolvimento do pensamento, dos sentimentos e muitas outras atividades que não podemos esperar de crianças pequenas". (FREIRE, 1989, p. 160)

Tal posição nos permite ponderar que, levando-se também em conta a carência do ser humano (SERGIO, 1989), a socialização do indivíduo é consequência de múltiplos agentes, além do quê, aponta para inúmeras referências a serem observadas na socialização do aluno.

Mais adiante, FREIRE (1989), embora reconheça a importância da escola na socialização da criança, tece crítica ácida à metodologia empregada para o alcance de tal fim e reforça a importância das práticas esportivas construídas pelos alunos na socialização dos mesmos.

Diz o autor:

"A escola, de sua parte, não colabora muito com a socialização de seus alunos. Mantém-nos imobilizados em carteiras, submetendo-os a um conjunto complexo, para as crianças, incompreensível, de regras, além de impor tarefas de realização individual, não são os ingredientes mais adequados para uma sociali-

zação eficiente." (FREIRE, 1989, p. 162)

Com menor frequência, houve respostas que transpareceram posições mais críticas que revelaram, por parte de pequeno número de professores, uma consciência de um contexto mais amplo, cuja socialização do aluno é conseqüência, tais como indicadores históricos, econômicos, sociais, políticos, culturais e educacionais. Estas posições, podemos observá-las nas seguintes declarações:

"O esporte na escola tem por finalidade precípua auxiliar o homem a explicar sua própria personalidade, e a integrar-se de maneira criadora e ativa no mundo em que vive." (Professor, 38 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em escola de 2º grau)

"O esporte na escola é importante porque gera um elemento participativo, crítico, auto-crítico, capaz de manter uma relação consigo e com os demais." (Professor, 38 anos, sexo masculino, 12 anos de experiência, leciona em escola de 1º grau)

"O esporte na escola é importante porque prepara o aluno a questionar e discutir sobre modelos prontos." (Professor, 25 anos de experiência, leciona em escola de 1º grau)

É importante, como já dissemos, reforçar que, quando se fala em socialização como um dos objetivos a ser perseguido pelo esporte na escola, na ótica da maioria dos professores pesquisados, estes associam aquela à idéia de adaptação social, manutenção dos valores e da estrutura social vigente. Aqui, o que se quer é adicionar ao ato de conservar o que vige a visão funcionalista deste conceito de socializar, senão vejamos:

"Favorece a integração social." (Professor, 35 anos, sexo feminino, 5 anos de experiência, leciona no 1º grau)

"Respeito às normas." (Professor, 35 anos, sexo masculino, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Cumprimento da lei." (Professor, 38 anos, sexo feminino, 6 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Através da competição, integrar o aluno à sociedade." (Professor, 34 anos, sexo feminino, 15 anos de experiência, leciona em 1º grau.

"Canalizadora de interesses." (Professor, 40 anos, sexo masculino, 16 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

FREITAG (1980), em amplo quadro teórico, demonstramos as raízes de tais concepções, à luz da filosofia e da sociologia. Analisa as idéias de DURKHEIM e PARSON, que, em bases positivistas, demonstram ser a educação, conseqüentemente a escola, instrumentos de internalização e reprodução de valores e normas da sociedade.

"É no processo educacional que essas coisas, ao mesmo tempo que são impostas de fora do indivíduo, são por ele internalizadas e com isto reproduzidas e perpetuadas na sociedade. O indivíduo que originalmente apresenta-se egoísta, depois de educado, adquire uma segunda natureza, que o habilita a viver em sociedade, dando prioridade às necessidades do todo, antes das necessidades pessoais. A educação é, para Durkheim, o processo através do qual o egoísmo pessoal é superado e transformado em altruísmo que beneficia a sociedade." (FREITAG, 1980, p. 16)

Note-se a presença das posições de aprendizagem social e manutenção dos valores sociais dominantes que ressaltamos nas declarações dos professores. Pode-se observar a visão funcionalista e conservadora em comparação com as declarações que citamos acima. Tais idéias ainda estão presentes, com muita ênfase, na nossa escola, sendo o esporte um de seus princi-

pais artífices.

A autora, mais adiante, ao analisar John Dewey, estudioso de vocação liberal, demonstra a presença, no processo de socialização através da escola, das idéias de democracia, liberdade e competição, e tais conceitos não são difíceis de identificar na postura dos professores de Educação Física pesquisados a respeito da importância do esporte na escola de 1º e 2º graus.

Dizem: "O esporte na escola é importante

...porque o aluno adquire o espírito de equipe" (Professor, 35 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus);

...para participar de competições escolares" (Professor, 45 anos, sexo masculino, 18 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus);

...para a formação de atletas" (Professor, 44 anos, sexo feminino, 20 anos de experiência, leciona em 2º grau);

...pela integração e participação dos pais, professores e alunos através de competição" (Professor, 39 anos, sexo masculino, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus);

...pela vivência em sociedade, participação e competição" (Professor, 38 anos, sexo masculino, 15 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus);

... porque socializa grupos independente da cor, raça e religião" (Professor, 42 anos, sexo masculino, 17 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus);

... pelo respeito ao juiz, cumprimento da lei" (Professor, 25 anos, sexo masculino, 4 anos de experiência, leciona em 1º grau).

"Assim vista, a educação exigida por Dewey vem a ser uma doutrina pedagógica específica da sociedade democrática.

"Pressupõe indivíduos que tenham chances iguais dentro de uma sociedade livre e igualitária, onde todos competem por diferentes privilégios. A competição se dá mediante regras do jogo claramente fixadas, aceitas e internalizadas pelos indivíduos e em vigor e funcionamento nas diversas instituições democráticas." (FREITAG, 1980, p. 19)

Ora, ao correr dos olhos, verificamos que, na realidade, as chances não são iguais face à brutal diferença entre as classes sociais, onde a educação discriminatória perpetua as desigualdades sociais e as diferenças de oportunidades entre ricos e pobres.

Falamos, anteriormente, na introdução do presente estudo, das manifestações esportivas. Dissemos que o esporte, como consequência do modelo político institucional do país, expressa os valores dominantes da sociedade em determinado momento histórico. Verificamos que o esporte na escola foi sempre uma reprodução do esporte de alto rendimento e este esporte, assim como a sociedade brasileira, sempre ensejou os postulados da doutrina liberal. Então não é difícil perceber e podemos comprovar isto nas pesquisas que fizemos, bem como na nossa prática profissional, que a postura liberal manifesta-se na opinião dos professores de Educação Física a respeito da importância do esporte na escola de 1º e 2º graus.

BRACHT (1986), em artigo contundente, diz que a criança que pratica esporte respeita as normas e se socializa, perpetuando, assim, os valores da sociedade, ditados pela classe dominante, tendo como ator principal nesta cena o professor de Educação Física.



"O esporte educa porque ensina a criança a conviver com a vitória e a derrota, ensina a respeitar as regras do jogo (já que todos são iguais perante a lei, devemos respeitá-la, sem discutí-la), ensina a vencer (no jogo e na vida) através do seu esforço pessoal (às vezes tem que momentaneamente aliar-se a outro ou a outros para atingir este objetivo, processo que os pedagogos chamam de cooperação ou companheirismo), ensina a competir (e isto prepara para a vida), desenvolve o respeito pela autoridade que é o árbitro ou o professor (chama-se a isso disciplina)." (BRACHT, 1986, p. 64).

Este quadro nos mostra com bastante clareza a que serve o esporte na escola, estruturando como está na nossa sociedade, e não é difícil discernir porque este modelo esportivo é discriminatório, assim como o é o modelo social brasileiro. Sentencia mais adiante este estudioso:

"Precisamos entender que as atitudes, normas e valores que o indivíduo assume através do processo de socialização no esporte estão relacionadas como sistema de significados e valores mais amplos, que se estendem para além da situação imediata do esporte". (BRACHT, 1986 p. 64).

Discorrendo, ainda sobre a socialização através do esporte e da educação, FREITAG (1980) analisa e conclui que, na ótica liberal, a educação é um processo rotineiro de reprodução.

Apresentamos ainda em FREITAG (1980) as concepções e análise a respeito das teorias da reprodução e da resistência onde através da educação as classes dominantes impõem às demais hábitos, interesses e necessidades.

Talvez isto justifique o fato que, segundo os professores, após um evento esportivo importante e de grande divulgação, os alunos usem uniformes parecidos com os de seus í-

dolos e seus gestos e movimentos tendem a repetir aqueles vistos nos estádios e na televisão.

"Aqui na escola todos querem jogar no gol e usar a camiseta nº 1 para ficar parecido com o Tafa-rel." (Professor, 30 anos, 6 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Depois dos jogos do campeonato mundial de vôlei, todos queriam sacar 'de viagem'." (Professor, 33 anos, 8 anos de experiência, leciona em 2º grau)

Demonstrado que foi o quanto a socialização através do esporte na escola é uma prática conservadora, é de perguntar-se então como utilizar este instrumento para avançar no caminho de uma escola e sociedade igualitárias e mais justas e, sendo a escola um Aparelho Ideológico do Estado, é de se supor que as mudanças e melhorias do esporte na escola só acontecerão quando este esporte na escola for construído sobre novos paradigmas, principalmente sociais.

4.2.4 Desenvolvimento moral e intelectual

Outra categoria de respostas que definimos a partir do posicionamento dos professores foram idéias que se referiam ao desenvolvimento moral e intelectual do aluno.

Os professores de Educação Física de 1º e 2º graus de Porto Alegre manifestaram que, tanto para o aluno como para a sociedade, o esporte na escola é importante, no que tange ao desenvolvimento moral e intelectual.

Efetivamente, o desenvolvimento moral e intelectual do aluno tem estreita relação com o processo de socialização de que falamos anteriormente, na medida em que é através da relação e interação com os mais velhos que a criança aprende os

valores sociais.

A questão moral e ética e sua conseqüente reflexão posiciona-se na discussão do desenvolvimento do pensamento filosófico.

A moral e a ética têm profunda relação com os fatores econômicos, políticos e ideológicos e com as relações sociais de uma determinada sociedade em um determinado momento histórico. Pressupõem valores internalizados pelos hábitos de determinadas classes e segmentos sociais, pela forma como organizam a produção e o consumo, que, nas relações de poder com outras, tendem a ser hegemônicas.

O tema central deste estudo não visa à ética e à moralidade; entretanto, como o esporte é um dos mais poderosos instrumentos de inculcação de valores e ideologização, fazem-se necessárias estas noções iniciais.

No dizer de FONSECA (1987),

"a experiência humana, no seu sentido antropológico, é uma totalidade biopsicossocial, na medida em que a maturação neurológica (fator biológico) representa o resultado da dialética da quantidade e da qualidade de estimulação proporcionada pelo adulto socializado, que também por este fato, é portador de valores culturais (fator sociológico). A edificação de uma personalidade, neste caso a da criança (fator psicológico), resulta da interação entre o potencial hereditário e o meio entre fatores endógenos e fatores exógenos, entre a atividade bioquímica e bioelétrica do cérebro e a aprendizagem social, ou seja, tudo o que permite a apropriação dos valores histórico-culturais de uma dada sociedade, onde a criança vai adquirindo sucessivamente a sua independência". (FONSECA et alii, 1987, p. 278)

Como nas interpretações que fizemos anteriormente,

transparecem, nas respostas dos professores, duas linhas de respostas: uma que expressa uma tendência à equalização, à adaptação, à manutenção estrutural da sociedade e outra que revela uma postura crítica transformadora. Nas declarações seguintes, observamos o que falamos em primeiro lugar.

"Formar alunos que saibam lutar pela vida honestamente."
(Professor, 30 anos, sexo feminino, 8 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Fortalecimento da vontade." (Professor, 33 anos, sexo feminino, 6 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Preservação de hábitos e costumes, para o bem estar da população." (Professor, 48 anos, sexo masculino, 21 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Ordem e disciplina, saber as regras do jogo e da escola."
(Professor, 39 anos, sexo feminino, 12 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus.)

"Respeitar autoridade." (Professor, 38 anos, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Nas nossas observações e entrevistas, verificamos que os protagonistas de tais declarações, em muito, aplicavam uma metodologia esportiva vinculada muito mais ao resultado da performance técnica do que à aprendizagem, embora freqüentemente tais posições não fossem muito claras, como na resposta seguinte:

"Eu oportunizo a que todos alunos joguem na aula de Educação Física, mas na hora do jogo mesmo, eu boto em campo os melhores." (Professor, 36 anos, sexo masculino, 12 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

A postura crítica transformadora, carregada de valores libertadores, transparece nas seguintes respostas:

"Conhecer o mundo ao seu redor". (Professor, 34 anos, sexo masculino, 13 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Ampliar seus horizontes culturais". (Professor, 37 anos, sexo masculino, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Desenvolvimento psicossocial". (Professor, 41 anos, sexo feminino, 20 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Desenvolvimento da personalidade, que o aluno assumia sua identidade, formação do caráter e de personalidade". (Professor, 38 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"O esporte encaminha a criança para uma postura crítica do que é certo e errado". (Professor, 40 anos, 3 anos de experiência, sexo feminino, leciona em 1º grau)

Como transcrevemos na metodologia do presente estudo, paralelamente à interpretação dos questionários, efetuamos as observações e entrevistas com os professores, observamos que, quando encaminhávamos a questão do esporte na escola, normalmente o entrevistado ou o observado tinha a convicção de que o esporte na escola favorecia, estimulava e proporcionava o desenvolvimento intelectual e moral do aluno. Porém, quando perguntávamos: Como?, as respostas eram pouco elucidativas e pouco precisas, a exemplo das que seguem:

"O esporte na escola desenvolve os valores morais". (Professor, 37 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Desenvolvimento mental, raciocínio". (Professor, 39 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Influência no processo ensino-aprendizagem, tornar o aluno mais completo". (Professor, 56 anos, sexo masculino, 36 anos de experiência, leciona em 2º grau)

"Desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor". (Professor, 28 anos, sexo feminino, 4 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Tal situação nos deixou intrigados e começamos a elaborar suposições sobre o fato e, com base nos quadros estatísticos, já mencionados e na nossa experiência, pensamos que:

- 1º - Efetivamente, a formação de professores de Educação Física, tanto a nível de formação como de metodologia, não atendeu a esta compreensão do fenômeno esportivo.
- 2º - O número expressivo de horas de trabalho inviabiliza ao professor, nos momentos de trabalho, leituras mais aprofundadas.
- 3º - A grande influência do contexto social sobre o professor é uma estrutura que prioriza a estética em detrimento da ética, que prioriza a forma em vez do conteúdo.

Segundo LURIA (1986), o homem vive não só no mundo das impressões imediatas, mas também num mundo de conceitos abstratos, e estas abstrações são os meios pelos quais a consciência humana toma forma.

É pelas abstrações, pelas relações sociais, pela realidade material que se desenvolvem as estruturas do pensamento, bem como a transmissão, transformação e inculcação dos valores morais pelos mais jovens a partir dos adultos.

"A atividade vital humana caracteriza-se pelo trabalho social e este, mediante a divisão de suas funções, origina novas formas de comportamento, independente de motivos biológicos." (LURIA, 1986, p. 21)

Estas formas de comportamento a que o autor se refere, em nosso ponto de vista, são determinadas por valores de natureza moral, conseqüências que são dos valores da sociedade, e o estudioso mais adiante é categórico:

"O trabalho social e a divisão do trabalho provocam a aparição dos motivos sociais de comportamento. É precisamente em relação com todos estes fatores que no homem criam-se novos motivos complexos para a ação e se constituem de atividades psíquicas específicas do homem". (LURIA, 1986, p. 22)

No nosso entender, os motivos complexos compreendem a moral e a ética.

Para este estudioso, a vida social, o aparecimento da linguagem e a existência histórica do homem são as raízes de todo o pensamento abstrato do homem e suas formas de comportamento consciente.

Ora, levando tal assertiva para nosso pequeno estudo, é de supor que, ao longo da história, as práticas esportivas tiveram íntima influência nas formas de pensamento e nos valores morais vigentes naquele determinado momento histórico.

As relações sociais e tudo quanto a mais ela envolve, segundo LURIA (1986) são originários da relação do homem com a realidade, sua história social, a qual estreitamente está ligada ao trabalho e à linguagem.

É pela linguagem que transmitimos um sistema de códigos e signos morais e esta relação se dá, como já se disse,

nas relações dos mais velhos com os mais jovens. É observável que paralelamente ao desenvolvimento da criança (cognitivo, afetivo e psicomotor) se dá a inculcação dos valores sociais presentes naquele grupo, naquele determinado momento histórico. Estes valores são transmitidos através da palavra que junto com o gesto motor são as bases da linguagem.

VIGOTSKI, citado por LURIA (1986), relacionou o desenvolvimento da consciência e com isto determinou o conceito de significado e sentido da palavra, e concebeu tais conceitos como algo dinâmico em constante desenvolvimento, que se altera com a maturação biológica do indivíduo, as experiências sociais e os processos psíquicos que se desenvolvem por trás de cada palavra.

Tal referência é importante para que se tenha noção da idéia de desenvolvimento moral e ideologia.

Em nosso caso particular, quando dizemos que o esporte na escola é importante porque o aluno que pratica esporte na escola aprende a competir, supõe-se que em nosso pensamento tenhamos atitudes favoráveis à competição como conceito de prática esportiva, que aceitamos e que somos favoráveis à apuração do melhor entre seus pares; ou se dizemos que o esporte na escola é importante para a socialização do aluno, presuponemos em nosso pensamento atitudes favoráveis para que o aluno divida tarefas e resultados entre seus pares, significa admitir a igualdade entre todos, sem diferenças. Significa promover relações sociais fraternas.

A interpretação dos conceitos abstratos da linguagem, das atitudes sociais é que nos permite a tomada de consciência em relação ao mundo.

Ainda VIGOTSKI, citado por LURIA (1986), conclui, mais adiante, tendo em mente o desenvolvimento da criança, que,

quando a mãe ou um professor lhe dá instruções no sentido de uma ação prática como por exemplo: "Pega a bola", está organizando sua linguagem e seu gesto motor, bem como regulando seu comportamento.

"A palavra não é somente um instrumento de reflexo da realidade, é o meio de regulação da conduta." (LURIA, 1986, p. 96)

Logo, o ato motor ou o ato voluntário é subordinado à linguagem, cuja função, entre outras, é regular o comportamento do jovem e aí se inclui a conduta moral do que é certo e errado na visão do professor.

Como interpretar tais sentenças?

"O esporte na escola é importante porque favorece no aluno o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor". (Professor, 39 anos, sexo feminino, 12 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Segundo PIAGET (1983), os mecanismos cognitivos assentam na motricidade, tanto que a motricidade vem a ser a base de todas as formas de expressão verbal e não verbal.

PIAGET (1983), ao estruturar sua psicologia genética, definiu em quatro etapas o desenvolvimento psicológico do indivíduo (1ª etapa: sensório-motora; 2ª etapa: pré-operatória; 3ª etapa: operações concretas; 4ª etapa: operações formais), e em todas as etapas relaciona o movimento ao pensamento.

Diz o renomado autor:

"Existe uma inteligência antes da linguagem mas não existe pensamento antes da linguagem". (PIAGET, 1983, p. 216)

Falamos anteriormente que a linguagem manifesta-se através da palavra e do gesto motor, logo é de se supor que, embora exista a inteligência antes do gesto motor, não existe pensamento sem antes o gesto motor. Talvez aí esteja a essência da ligação entre a motricidade e a cognição.

Mais adiante, este pensador sentencia:

"Ora, essas ações que constituem o pensamento, essas ações interiorizadas, é necessário aprender primeiramente a executá-las materialmente; elas exigem primeiramente todo um sistema de ações efetivas, de ações materiais. Pensar é, por exemplo, classificar, ou ordenar, ou correlacionar; é reunir ou dissociar, etc. Mas todas as operações, é necessário primeiro executá-las materialmente em ações para em seguida ser capaz de construí-las em pensamento. É por isto que existe um período sensório-motor tão logo antes da linguagem!. (PIAGET, 1983, p. 216-7)

Este pensamento vale tanto para a alfabetização, como para a iniciação esportiva ou não é por acaso que devemos, antes do ensino de determinado esporte, proceder uma série de jogos estimulantes e motivadores, enfim, atividades de estimulação motora e pré-desportiva.

Como variáveis intervenientes no desenvolvimento do pensamento a partir das ações motoras, PIAGET leva em consideração: a maturação biológica do indivíduo, a ação social e o tempo no desenvolvimento do indivíduo.

Tais variáveis são importantes porque demonstram o cuidado que devemos ter ao ministrar o esporte na escola, pois devemos atentar para as características individuais. Se utilizarmos uma metodologia rasa como a do esporte de alta performance mais afastamos o aluno do que contribuimos para um de-

envolvimento cognitivo, afetivo e psico-motor eficaz.

PIAGET (1983) conclui, e aqui atentamos para a necessidade do rigor metodológico na iniciação e prática do esporte na escola para o desenvolvimento do aluno.

"Não creio mesmo que haja vantagem em acelerar o desenvolvimento da criança além de certos limites. Muita aceleração corre o risco de romper o equilíbrio (a hereditariedade e maturação interna; experiência física a ação dos objetos; a transmissão social, o fator educativo; equilíbrio e compensação). O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximalizar os resultados, mas é antes de tudo aprender a aprender; é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola."(PIAGET, 1983, p. 225)

O método, resultante deste pensamento, se aplicado no esporte na escola, deverá ser aquele que, após o egresso da escola, o indivíduo tenha instrumentos e informações suficientes para praticar esportes de forma autônoma e consciente.

4.2.5 Saúde

Dentro das categorias de respostas apresentadas pelos professores de Educação Física de 1º e 2º graus das escolas públicas e particulares de Porto Alegre, onde a incidência foi maior e onde os professores tinham mais convicção, segurança e eram categóricos também nas entrevistas foram seguramente as respostas que tinham a ver com a prevenção, manutenção e recuperação da saúde do aluno.

Além do mais, a importância, segundo os entrevistados, e o valor do esporte na escola singia-se ao aluno como indivíduo e para o bem-estar da sociedade.

Já na introdução, ao citarmos GHIRALDELLI JÚNIOR (1988), registramos, segundo este autor, as tendências da evolução histórica da Educação Física no Brasil, base onde se assenta o esporte na escola. Encontramos, pois, na Tendência Higienista, concepção que prevaleceu até 1930, o início desta visão que vincula estritamente as práticas esportivas e corporais à saúde biológica. Na visão higienista, segundo este autor, a idéia predominante era a higiene do corpo e higiene da alma, como ponto de partida para o desenvolvimento econômico e social, sob uma doutrina de origem liberal, que culminaria com o desenvolvimento da "saúde da Pátria" (GHIRALDELLI, 1988, p. 27).

Respostas como as abaixo podem comprovar a presença desta tendência citada por GHIRALDELLI (1988):

"O esporte na escola é importante porque proporciona hábitos e atitudes em geral e de higiene". (Professor, 39 anos, sexo masculino, 15 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Faz pessoas com hábitos mais sadios". (Professor, 30 anos, sexo masculino, 5 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Para a sociedade contar com um jovem de cabeça sã e corpo são". (Professor, 37 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Formação de uma sociedade sã". (Professor, 38 anos, sexo feminino, 6 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Evidentemente, ninguém em sã consciência pode negar os benefícios de ordem física, fisiológica e conseqüentemente biológica da prática do esporte na escola. Entretanto, não se pode reduzir o papel da Educação Física e do esporte às questões da saúde. O equívoco deve ser superado a fim de que

estes atendam às reais necessidades da sociedade brasileira, bem como à metodologia de ensino da Educação Física na escola de 1º e 2º graus.

Neste sentido, CASTELLANI FILHO (1988) é contundente ao criticar a redução biológica de que falamos acima:

"Caracteriza-se por reduzir o estudo da compreensão e explicação do Homem em movimento apenas a seu aspecto biológico, dissociando-o - como se fosse possível fazê-lo sem incorrer em equívocos teóricos danosos e irremediáveis - dos demais aspectos que caracterizam o movimento humano antropológicamente considerado. Tal reducionismo biológico configura-se na ênfase exacerbada às questões afetas à performance esportiva..." (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 217-18)

Inequivocamente, na mente das pessoas, de modo geral, o conceito de Educação Física, e conseqüentemente do esporte, confunde-se com o conceito de saúde no sentido estrito da palavra, e se relaciona com a área médica.

MARINHO DE OLIVEIRA (1983) nos diz:

"Até hoje quando um acadêmico de Educação Física pretende valorizar-se intelectualmente busca socorro biomédico e faz um admirável discurso sobre aparelho circulatório, osteologia, ou neurofisiologia. E para tal não lhe faltam incentivos. As universidades que mantêm cursos de Educação Física geralmente os incluem em seus Centros ou Institutos de Ciências Biomédicas, Biológicas ou de Saúde". (MARINHO DE OLIVEIRA, 1988, p. 66)

Portanto, não surpreendem declarações como:

"O Esporte na escola é importante para o aluno como saúde em geral e para o corpo, sistema nervoso e circulatório, massa muscular e desenvolvimento harmonioso". (Professor, 39 anos, 16 anos

de experiência, sexo masculino, leciona em 1º e 2º graus)

Evidentemente que a concepção de saúde que foi abordada até aqui ficou reduzida ao indivíduo e, de forma funcionalista, à sociedade. Concepção que também visualizou saúde como ausência de doença biológica, evidenciando a necessidade terapêutica e preventiva. Desconhecem a saúde como uma estreita relação ao processo de desenvolvimento e transformação da sociedade.

GONÇALVES (1989) nega esta visão estreita de saúde e a transforma numa relação de saúde-doença, sob a ótica de processo com nexos de causa e efeito, nas relações sociais e ressalta o caráter social desta relação, onde:

"este binômio (saúde-doença), visto como processo social, implica em sua articulação com as condições econômica, política e ideológica da sociedade. Deste modo, o biológico cede ao social o papel central de gerar elementos teóricos e metodológicos". (GONÇALVES, CBCE, 1989, p. 18)

Outro grupo de respostas que apareceu dentro desta categoria saúde foram as que se referiam à prevenção de vícios (álcool, fumo e droga).

Assim, tivemos respostas como:

"População mais saudável". (Professor, 37 anos, sexo masculino, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Prevenir o uso de drogas, fumo e álcool". (Professor, 28 anos, sexo masculino, 4 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Prevenção e combate às drogas e à violência". (Professor, 40 anos, sexo feminino, 13 anos de experiência, leciona em

1º grau).

Sem sombra de dúvidas, o problema do consumo de drogas, além de ser de uma amplitude descomunal, é complexo e integra o rol dos maiores flagelos da humanidade neste final de século, assim como a fome, a miséria absoluta e outras. Intelectuais, pesquisadores, políticos e autoridades têm-se debruçado sobre o problema com afinco, dedicação e perplexidade e até pode-se observar, com algum desespero.

A escola, onde se iniciam os hábitos e comportamentos, sem dúvida, é um dos alvos preferidos dos agentes de promoção do uso de drogas (legais e ilegais). Por conseguinte, deve ser um dos alvos essenciais dos agentes de prevenção ao consumo de drogas (legais e ilegais) a instituição escola, na medida em que a repressão - mesmo que cada dia mais recursos físicos, humanos e materiais, além de estratégias, algumas violentas e outras na área da comunicação social, tem-se mostrado incompetente nas soluções para este problema crucial da sociedade.

Na prevenção ao uso de drogas, muitas vezes, tem-se utilizado e ultimamente mais o apelo à prática esportiva, inclusive com a utilização de imagens de pessoas destacadas da realidade nacional (Pelé, Zico e outros).

Por isto, não é surpreendente que os professores de Educação Física tenham se posicionado no sentido de que o esporte na escola é preventivo ao uso de drogas (legais e ilegais).

Entretanto, esta visão nos parece simplista demais, demonstrando, de certa forma, um ar de ingenuidade.

Na verdade, o problema das drogas, em nossa visão, encontra suas verdadeiras raízes na estrutura social e na crise

de valores éticos pela qual passamos.

COSTA (SEED/MEC, 1989, p. 29-40) apresenta um ensaio onde evidencia o corpo como resultado de materialização filosófica e ideológica do pensamento, o qual embasa a questão essencial da prevenção das drogas. Um corpo não consumista, nem consumido (MARINHO DE OLIVEIRA, 1987). Um corpo pleno de humanização, resistente às drogas (legais e ilegais) e à dominação de qualquer ordem.

Parece-nos, então, que simplesmente o esporte na escola desprovido de uma reflexão maior, desconectado da realidade social, é insuficiente sequer para incitar a idéia de prevenção do uso de drogas, além do quê, há carência de indicadores seguros de que os chamados esportistas não façam uso ou tenham já experimentado drogas (legais e ilegais). Pode-se apenas supor vagamente que o esporte contribua para a prevenção do uso de drogas (legais e ilegais).

Na legalidade e na ilegalidade, parece-nos também o reforço da causa social do consumo de drogas.

A exacerbação do resultado esportivo às raias da divindade e uma mitificação do modelo de corpo "belo" têm incentivado o uso de drogas, os anabólicos esteróides.

"Embora aparentemente o problema dos anabólicos esteróides esteja orientado ao esporte de alto rendimento, existem conseqüências bastante graves em termos de saúde pública que atingem a população em geral, em função do fato de que os super-atletas são exemplos que terminam por contaminar os indivíduos comuns."
(DE ROSE, SEED/MEC, 1989, p. 88)

O argumento acima exposto nos leva a crer que o esporte está longe de ser um preventivo eficaz no uso de dro-

gas. Por isto, como diz TUBINO (1989), o esporte na escola não deve ser uma reprodução do esporte de alto rendimento. Pelo contrário, a Educação Física, e conseqüentemente o esporte na escola, há de ter uma metodologia e uma identidade próprias, conforme COSTA FERREIRA (1985).

Assim, no dizer de DONEDA (SEED/MEC, 1989, p. 41-7):

"eis uma tarefa particular do professor de Educação Física: valorizar junto ao jovem a transformação do seu corpo sem cair na armadilha de uma idolatria ao físico (e de desempenho brilhantes), em detrimento da integração social e afetiva deste corpo que pertence à pessoa do jovem como um todo. A saúde passa pela maturação integradora e não violadora desta fase, enquanto momento temporal decisivo do devir adulto, daquele que já era criança." (DONEDA, SEED/MEC, 1989, p. 44)

Entendemos, pois, que cabe ao professor de Educação Física, dentre outras competências, ao trabalhar com o esporte na escola, ajudar os adolescentes, no sentido amplo da expressão, a compreender seu corpo, criando novos centros de interesse para estes jovens.

Ainda nesta categoria de respostas, obtiveram-se posicionamentos tais como:

"Diminui a agressividade do aluno e alivia tensões". (Professor, 34 anos, sexo masculino, 7 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Combater o stress". (Professor, 25 anos, sexo feminino, 5 anos de experiência, leciona em 1º grau).

"Equilibra corpo e mente". (Professor, 31 anos, sexo masculino, 10 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Válvula de escape". (Professor, 38 anos, sexo mas-

culino, 10 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Tais respostas, além de demonstrar o caráter meramente funcionalista do esporte na escola, deixam transparecer também o processo de pressão psicológica que a metodologia de ensino tradicional e instituição escolar, como está estruturada, exercem sobre o aluno.

É possível observar também, face às declarações acima, que há um entendimento de que a atividade esportiva aprendida na escola é "remédio" para "aliviar" as tensões mais profundas do indivíduo enquanto estudante e posteriormente como cidadão.

4.2.6 Afetivo e Superação

Além das demais categorias apontadas e interpretadas anteriormente, como Movimento, Saúde, Desenvolvimento Moral e Intelectual e Socialização, os professores de Educação Física de 1º e 2º graus das escolas públicas e particulares de Porto Alegre apontaram duas outras espécies de respostas que, embora de mesmo fundo (sob o ponto de vista psíquico), categorizamos de forma distinta, pois, em função do aspecto utilitário subjacente nas respostas, sentimos a necessidade de separá-las conquanto em análise conjunta.

Estas categorias - Afetivo e Superação - são partes de um mesmo conteúdo de suma importância, tanto na aprendizagem do escolar, como na interpretação da simbologia dos movimentos do jovem envolvido com o esporte na escola.

Assim, ao nosso ver, de cunho eminentemente afetivo, os professores prestaram os seguintes depoimentos:

"O esporte na escola é importante para o aluno para a solidariedade, humanidade, afetividade do aluno." (Professor, 38 anos, sexo masculino, 11 anos de experiência, leciona em 1º e 2º grau)

"Válvula de escape para a repressão." (Professor, 39 anos, sexo masculino, 12 anos de experiência, leciona em 1º grau.

"Motivador para as demais aulas." (Professor, 35 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º grau)

"Desinibidor, fluir de emoções." (Professor, 30 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Neste sentido, LAPIERRE e AUCOUTURIER (1988), ao analisarem a simbologia e a pulsão pelo movimento, relacionam o psíquico (abstrato) ao biológico (concreto), dizendo que a pulsão pelo movimento é a pulsão pela vida, ou seja, movimento e vida como algo interpenetrado e, ao nosso ver, este desejo, esta necessidade, este arremetimento ao movimento é o início das nossas motivações, desejos e sentimentos psíquicos.

Quando um de nossos entrevistados diz:

"O aluno chega na minha aula (Educação Física) empurrando, dando 'tranco' nos colegas, agitado. Depois da 'peladinha', volta mais calmo, sereno e conversa com mais tranqüilidade com os colegas." (Professor, 35 anos, sexo masculino, 9 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Assim, LAPIERRE e AUCOUTURIER (1988) sentenciam com base na teoria freudiana:

"Se aplicarmos esse princípio à necessidade biológica de movimento, podemos concluir que se cria também a partir daí, toda uma organização psíquica feita de desejos, de sa-

tisfações e de prazeres, de frustrações e proibições, e geradora de fantasmas e conflitos inconscientes. É a trama e a articulação desses fantasmas que encontramos através da nossa experiência pedagógica do movimento vivido tanto no adulto como na criança". (LAPIERRE E AUCOUTURIER, 1988, p. 31)

Se aceitamos como verdadeiro que há prazer no movimento, supõe-se que outros sentimentos como ódio, dor, ansiedade, angústia, tranqüilidade e etc estão presentes na ação motora. Supõe-se, portanto, que o esporte na escola, pleno de movimento que é, pleno de sentimentos será e, portanto, na aprendizagem, prática ou especialização, a metodologia empregada deverá levar em conta tal significado e tentar compreender os signos presentes em determinado ato motor.

GAGNÉ (1980), ao estabelecer as capacidades humanas como resultado da aprendizagem, determinou as seguintes categorias: informações verbais, habilidades intelectuais, estratégias cognitivas, habilidades motoras e atitudes - e considera, a nível de aprendizagem, as atitudes como domínio afetivo que enfatiza o comportamento emocional.

Ora, este comportamento emocional, ou estas atitudes, são os componentes da afetividade presentes no movimento humano que devem ser trabalhados a partir das práticas esportivas na escola.

FREIRE (1989) explica porque há uma certa dificuldade dos professores em trabalhar a afetividade nas práticas esportivas e nos dá substrato para entender o caráter utilitário de uma categoria de respostas que chamamos de **superação**, que, na verdade, é um sentimento derivativo de ordem psíquica. Diz o estudioso que na verdade pouco se trabalha com o componente afetivo na Educação Física e, por conseguinte, o esporte

na escola porque, via de regra, os professores "não possuem estrutura afetiva para suportar a relação com corpos livres em movimento..." (FREIRE, 1989, p. 170)

Esta expressão "corpos livres" sucumbe nos movimentos estereotipados e regulados disciplinarmente pelas práticas esportivas institucionalizadas resultantes da reprodução do esporte de alto rendimento pelo esporte na escola, consequência que é da sociedade na qual se insere a instituição escola. O professor, portanto, torna-se o agente desta reprodução pela dificuldade em trabalhar este componente afetivo, é mais fácil copiar os modelos impostos pela sociedade, disciplinando a criatividade - consequência natural, ao nosso ver, da afetividade, pois só criamos em cima do que gostamos e, quando temos liberdade para tal. Ao se reproduzirem as técnicas corporais, reproduzimos a ideologia subjacente a estas técnicas.

"Realizar aulas de Educação Física, utilizando-se de um arsenal de medidas disciplinares para enquadrar os corpos das crianças em hábitos estereotipados de movimento, como tem sido o mais usual nos lugares em que pelo menos existe Educação Física, é a maior de todas as provas de insegurança do professor perante os corpos infantis." (FREIRE, 1989, p. 170)

Falamos que, quando o professor reproduz os gestos motores estereotipados, reproduz a ideologia e impede o espaço para a criação. A ideologia subjacente no esporte de alta performance, reproduzida no esporte na escola, é ideologia que reforça a sociedade capitalista periférica em que vivemos, explorada e com gigantescas desigualdades sociais, onde, por conseguinte, são estimuladas as falácias do individualismo, da idéia de que com grandes esforços se consegue êxito, prestígio e reconhecimento pelos vencedores, e isto se comprova nas se-

guintes declarações.

O esporte na escola é importante para o aluno:

"pela vontade de lutar pela vitória". (Professor, 39 anos, sexo masculino, 15 anos de experiência, leciona em 1º e 2º grau.

"pelo espírito de superação, vontade de vencer, tenacidade". (Professor, 33 anos, sexo feminino, 6 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"por preparar para a vida competitiva". (Professor, 35 anos, sexo feminino, 16 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"pelo espírito de competição". (Professor, 47 anos, sexo feminino, 26 anos de experiência, leciona em 2º grau)

"pelo espírito de luta". (Professor, 47 anos, sexo feminino, 26 anos de experiência, leciona em 2º grau)

Esta última demonstra bem a internalização dos paradigmas da sociedade consumista e competitiva em que vivemos, reproduzidos sem máscara na escola.

A falácia dos grandes esforços para alcançar objetivos, posição ingênua, que desconhece o contexto e os determinantes sociais, materializa-se na seguinte posição:

"O esporte na escola é importante para o aluno porque reforça os esforços individuais para alcançar objetivos". (Professor, 43 anos, sexo masculino, 17 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

A presença do caráter utilitário de que falamos ao diferenciar a categoria afetiva da categoria superação reforça-se na seguinte sentença:

"O esporte na escola é importante para o aluno enfrentar assaltos e perseguições". (Professor, 42 anos, sexo feminino, 18 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Aperfeiçoamento, iniciação na carreira esportiva, surgimento de grandes atletas". (Professor, 34 anos, sexo feminino, 12 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Este último depoimento nos dá, além do caráter utilitário, a idéia da função reprodutora do esporte na escola, do esporte de alta performance e se consubstancia na idéia expressa por um dos nossos entrevistados que diz:

"A escola é o verdadeiro celeiro de atletas". (Esta resposta apareceu mais adiante, como sendo função da escola a preparação de atletas.

Reforçando o individualismo e a "sociedade de vencedores", está a seguinte resposta:

"Admiração dos demais colegas, prestígio do aluno em seu ambiente". (Professor, 42 anos, sexo masculino, 25 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Esta declaração pressupõe haver na escola os que não praticam esporte e que, portanto, o mesmo não é oportunizado a todos.

Reconhecendo a presença do componente afetivo durante o movimento, professores (em minoria, é verdade) posicionaram-se da seguinte maneira com relação à importância do esporte na escola para o aluno:

"É o ápice para que o aluno expresse seu potencial físico e emocional". (Professor, sexo feminino, 36 anos, 14 anos de experiência, leciona em 1º grau)

O esporte na escola, portanto, é pleno de sentimento, pleno de afetividade, pleno de desejo. A cada gesto expressamos sentimentos de múltiplas interpretações, psicológicas, sociológicas, culturais, ideológicas, biológicas e etc. Por isto, concordamos com o dizer de FREIRE (1989) quando afirma:

"Qual o valor, para a cultura e a felicidade de uma criança, de um giro de corpo melhor realizado? Não sei, talvez nenhum, se não for acompanhado de significado. Um giro realizado no interior de um jogo de futebol quando o que está em jogo, mais que uma bola ou a vitória, é a agressividade, a amizade, a inveja ou a humilhação, por exemplo, além do alimento da alma coletiva de um povo, isso sim pode fazer sentido porque estará ligado à vida concreta, real, repleta de significados". (FREIRE, 1989, p. 179)

4.2.7 Promoção e Desenvolvimento da Escola e Formação e Desenvolvimento do Aluno

A importância do esporte na escola, na opinião dos professores de Educação Física, para a escola, além da socialização, ~~de~~ que já tratamos anteriormente, foi definida pelos mesmos, de forma contundente em duas outras categorias: Promoção e Desenvolvimento da Escola e Formação e Desenvolvimento do Aluno (Tabela 4). Tratamos estas categorias num mesmo tópico deste estudo porque evidenciam com maior clareza, aquela visão funcionalista do esporte na escola, que vimos criticando ao longo deste estudo.

Na categoria Promoção e Desenvolvimento da Escola, esta visão funcionalista ficou tão evidenciada que demonstrou o quanto os profissionais da Educação Física, na maioria das ve-

TABELA 4 Categorias sobre a importância do esporte na escola, para a escola, segundo os professores

1. PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA

- Demonstra a importância, a imagem e o "status" da escola, nas competições com outras, divulga e promove a escola, faz um "marketing" da escola.
- É mais um conteúdo curricular.
- União na escola.
- Competição entre as turmas.
- Não tem importância nenhuma para a escola.
- Transforma a escola numa comunidade participativa.
- Integração escola-comunidade.
- Local de lazer, educar com prazer.
- Permanência do aluno no ambiente da escola.
- Serve de celeiro de atletas.
- Participar de campeonatos.
- O aluno aprende a gostar da escola.
- Defender o nome da escola, espírito de corpo.
- Aumento do número de alunos.
- Para satisfação dos pais.
- Para o profissional exercer suas atividades.
- Tapa-furo no horário.
- Parte da aula de Educação Física.

2. FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ALUNO

- Disciplina o aluno, cooperação, amizade, colaboração.
- Melhora o seu desempenho global na escola.
- Queima de energia, mantendo o equilíbrio do aluno dentro da escola.
- Desenvolvimento e formação bio-psico-social, dentro da integração de todas as disciplinas.
- Ações pedagógicas integradoras às demais disciplinas.
- Costura as demais disciplinas.
- Hábitos solícitos.
- Para que o aluno seja participativo.
- Formação de cidadãos úteis à sociedade.
- Aumenta o rendimento escolar.
- Autonomia.
- Criatividade.
- Uma forma ou meio do aluno analisar o processo ensino-aprendizagem.
- Só para os bem-dotados.
- Iniciação para o trabalho na área.

3. SOCIALIZAÇÃO

- Mantém o modelo de reproduzir.
- Favorece a integração social.
- Descobrimto de novos atletas e talentos.
- Respeito às regras e normas estabelecidas e as do juiz, cum-

primento da lei.

- Confraternização entre alunos e as turmas.
- Integração: aluno, escola, sociedade.
- Intercâmbio de experiências.
- Através da competição, integrar o aluno à sociedade.
- Socialização do aluno, mudança de comportamento.
- Formação global.
- Possibilidade do aluno exteriorizar seus sentimentos.
- Socializa grupos independente da cor, raça e religião.
- Formação de cidadania.
- Canalizadora de interesses.
- Respeito ao próximo.

zes, privilegiam a estrutura burocrático-institucional antes do que o bem estar e desenvolvimento do aluno.

A importância do esporte na escola foi remetida como se fosse uma estratégia a ser utilizada no desenvolvimento da instituição, na sua imagem perante o grande público, em benefícios corporativos e principalmente como estratégia de "marketing".

"Demonstra a importância, a imagem e o 'status' da escola nas competições com outra, divulga e promove a escola". (Professor, 35 anos, 10 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Faz um 'marketing' da escola". (Professor, sexo masculino, 36 anos, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Defender o nome da escola, espírito de corpo". (Professor, sexo masculino, 38 anos, 10 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Aumento do número de alunos". (Professor, 27 anos, sexo feminino, 4 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"União na escola". (Professor, sexo feminino, 29 anos, 10 anos de experiência, leciona em 1º e 2º grau)

Nas nossas entrevistas e observações verificamos, comparativamente, com os questionários, que tais posições tiveram maior incidência e freqüência entre os professores que têm entre seus vínculos empregatícios, escolas particulares e escolas de 2º grau.

Outro grupo de respostas nos fez refletir sobre a importância das competições esportivas escolares, e quanta seriedade há de se ter na promoção de eventos esportivos, pois ao

nosso ver estes eventos têm significativa influência no ensino, na prática e na especialização das atividades esportivas na escola.

"Competição entre turmas". (Professor, 39 anos, sexo masculino, 16 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Participação de campeonatos". (Professor, 26 anos, sexo feminino, 7 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Serve de celeiro de atletas". (Professor, 38 anos, sexo masculino, 18 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Esta última declaração foi freqüente em vários itens do questionário, e a repetimos no transcurso do texto várias vezes para demonstrar e enfatizar o quão impregnado está o esporte na escola da idéia de reprodução do esporte de alto rendimento, além, é claro, de espelhar mais uma tonalidade desta visão funcionalista que falamos no início deste tópico.

Houve outras posições nesta categoria evidenciada nas entrevistas e nos questionários que mostram a existência de um possível laço afetivo entre a escola e a comunidade. Relação esta de difícil identificação, pois é de extrema subjetividade.

Um professor nos disse:

"Os alunos que jogaram na minha equipe aparecem de vez em quando para conversar. Até hoje dou treino para alguns ex-alunos da escola". (Professor, 35 anos, sexo masculino, 12 anos de experiência, leciona em 1º e 2º grau)

Outro colega nos falou:

"Tem pai que matricula os filhos na escola só por causa do esporte". (Professor, 29 anos, sexo feminino, 8 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Nesta linha de perspectiva, envolvendo segundo eles uma relação afetiva, aparece de forma subjacente a chamada integração da escola com a comunidade, sendo que, na maioria das vezes, a chamada integração é nada mais do que chamar os pais para se ocuparem de tarefas e objetivos institucionais, tais como, angariar recursos financeiros e materiais, como por exemplo, festas e eventos para comprar material esportivo. Obrigações estas que seriam das instituições mantenedoras: o Estado nas escolas públicas e as congregações e empresas nas escolas particulares. Por isto temos sérias dúvidas quanto a esta suposta integração, face ao que temos visto na nossa experiência, além do que significa revestir o esporte na escola de uma tarefa que não é essencialmente sua.

"Transforma a escola numa comunidade participativa". (Professor, 29 anos, sexo feminino, 7 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Integração escola-comunidade". (Professor, sexo feminino, 7 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Para satisfação dos pais". (Professor, 39 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Sem ilusões românticas, com a visão globalizante, tratanto o esporte na escola de forma contextualizada e integrada, alguns professores posicionaram-se da seguinte forma:

"Parte da aula de Educação Física". (Professor, 29 anos, sexo feminino, 7 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"É mais um conteúdo curricular". (Professor, 31 anos, sexo masculino, 11 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Local de lazer, educar com prazer". (Professor, 30 anos, sexo feminino, 8 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Esta última declaração, ao nosso ver, além da contextualização, reforça as características culturais e educacionais do esporte na escola, enquanto expressão e criação do aluno.

Deixou-nos bastante preocupados um grupo de respostas nesta categoria, pois revelou uma posição de imobilismo pedagógico, conceito explorado por REPPOLD FILHO (1988) nas tendências pedagógicas presentes na postura do professor de Educação Física.

"Tapa-furo no horário". (Professor, 38 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Para o profissional exercer suas atividades". (Professor, 39 anos, sexo feminino, 15 anos de experiência, leciona em 1º grau.

"Não tem importância nenhuma para a escola". (Professor, 39 anos, sexo feminino, 8 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Na categoria Promoção e Desenvolvimento do Aluno, muito nos estimulou respostas como as abaixo porque nota-se a esperança de um novo fazer pedagógico:

"O esporte na escola é importante para a escola, porque desenvolve a autonomia do aluno". (Professor, 25 anos, sexo feminino, 6 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Criatividade". (Professor, 36 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Desenvolvimento e formação bio-psico-social". (Professor, 31 anos, sexo masculino, 10 anos de experiência,

leciona em 1º e 2º graus.

"Ações pedagógicas integradoras às demais disciplinas". (Professor, 33 anos, sexo masculino, 12 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Entretanto, a maioria das respostas caiu na vala comum do funcionalismo, e mais, a ótica destas respostas foi no sentido de acomodar, disciplinar e modelar a movimentação do aluno na escola.

É incrível, pois transparece que o aluno pratica esporte para queimar energia e ficar bem comportado na sala de aula.

"Melhora seu desempenho global na escola". (Professor, 29 anos, sexo feminino, 6 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Queima energia, mantendo o equilíbrio do aluno dentro da escola". (Professor, 40 anos, sexo masculino, 18 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Hábitos solícitos". (Professor, 35 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"O aluno acata as regras da escola mais facilmente". (Professor, 39 anos, sexo feminino, 16 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Em tais respostas transparece bem aquela idéia de como a escola deveria ser e não é. Deveria ser um espaço de criação, de liberdade, de expressão, de autonomia, que promovesse e desenvolvesse o aluno como expressão máxima do ilimitado, do belo e da verdade; no entanto, restringe-se a um aparelho ideológico do Estado que busca incansavelmente a promoção

e desenvolvimento de papéis sociais, previamente modelados e estereotipados.

"O esporte é importante para a escola, para formação de cidadãos úteis à sociedade". (Professor, 45 anos, sexo masculino, 19 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Na afirmação acima, constatamos o quanto estamos ainda alienados e cumprindo o que o sistema, ditado pela classe dominante, espera dos seus alunos, além, é claro, de dimensionar o quanto precisa ser feito na área do esporte na escola, para estabelecer sua verdadeira identidade.

4.2.8 Estrutural Crítica e Estrutural Alienada

Além das categorias discutidas e interpretadas anteriormente, duas outras nos parecem de especial importância para a compreensão do fenômeno esportivo e suas implicações na análise do esporte na escola. É, ao nosso ver, onde aparecem as grandes contradições, pois como diz um de nossos entrevistados:

"A partir do esporte na escola, podemos analisar em muito a sociedade, pela sua estreita vinculação". (Professor, 37 anos, sexo feminino, leciona em 1º e 2º graus)

As opiniões dos professores de Educação Física de 1º e 2º graus das escolas de Porto Alegre, referentes ao valor do esporte na escola para a sociedade podem ser agrupados em duas grandes categorias que, em função da relevância e íntima vinculação com a estrutura social, podem ser analisadas conjuntamente. São elas: Estrutural Crítica e Estrutural Alienada (Tabela 5). A reflexão e a discussão dessas duas posturas têm sido alvo de diversos órgãos ligados à Educação Física e ao esporte e estudiosos, pois trata-se da discussão política do va-

TABELA 5 Categorias sobre a importância do esporte na escola para a sociedade, segundo os professores

1. ESTRUTURAL-CRÍTICA

- Mascaram conflitos ideológicos.
- Meio para interagir no mundo e transformá-lo.
- A escola reproduz a sociedade, o que é trabalhado na escola tem efeito na sociedade.
- Espaço de equidade e igualdade entre aptos e não aptos.
- Preparar o aluno para viver em grupo, para o convívio social, levando a questionar, discutir, sobre modelos prontos e o comércio que existe sobre os mais aptos e capazes de representar a sociedade em determinados esportes.
- Oferecer a oportunidade para a formação do homem consciente, crítico, sensível à realidade que o envolve.
- Reforça o capitalismo, premia o melhor que venceu a qualquer custo e estimula muito a competição.
- Alienar o indivíduo das questões políticas e sociais.
- Pessoa crítica e produtiva.
- Formação de cidadãos críticos.
- Situações desafiadoras.
- Deveria estar ao alcance de todos.
- Estimula o consumo, atende às elites e gera lucros.
- Fomenta a competição a qualquer custo.

2. ESTRUTURAL ALIENADA

- A sociedade e o esporte possuem características similares em sua essência, ambos funcionam com as regras criadas pelo homem.
- Desenvolver cidadãos prontos para ganhar ou perder e criar novas situações e enfrentar desafios, lutar e vencer na vida.
- O espírito competitivo é um sentimento inato no homem e deve ser incentivado.
- Com uma juventude esportista tem menos problemas sociais.
- Oportunizar condições de vida melhor ao cidadão, inclusive financeira.
- Nenhuma importância para a sociedade.
- Melhorar a saúde social, espírito fraterno de união.
- Para o aluno participar da sociedade de forma cordial.
- Ação compensatória às frustrações cotidianas.
- Ensina o cidadão a viver em grupo disciplinadamente.
- Revela atletas para o esporte profissional e desenvolve o esporte nacional, inclusive prontos para participarem de Olimpíadas.
- Resultados técnicos para o País.
- Indivíduo que produza e transmita algo útil à sociedade.
- Identificar talentos e representar o Estado.

3. CULTURAL

- Ocupar o tempo ocioso.
- Elemento de cultura física de um povo.
- Formação, representatividade, educação.
- Educação para o lazer.
- Os valores morais, sociais, éticos e pessoais que são adquiridos, aprimorados, modificados, respeitados, na prática esportiva.
- Tornar as pessoas mais felizes. Humanizar-se.
- Papel aculturador e massificador.

4. SOCIALIZAÇÃO

- Incentiva o trabalho para o interesse comum.
- Convivência em grupo.
- Tem a função de socializar.
- Integração e participação dos pais, professores e alunos.
- Através da competição.
- Integração do indivíduo ao meio em que vive.
- Melhora as relações humanas.
- Integração ativa.
- Instrumento facilitador de relacionamento interpessoal. Chegar em um lugar estranho, se houver uma bola, logo ele se relaciona.
- Um elemento participativo, crítico, auto-crítico, capaz de manter uma relação consigo e com os demais.

- Espírito de camaradagem.
 - Vivência em sociedade, participação e competição.
 - Solidariedade humana.
-

5. SAÚDE

- Diminui a agressividade do aluno e alivia tensões.
 - Faz pessoas com hábitos mais saudios.
 - Alto nível atlético da população.
 - Para a sociedade contar com um jovem de cabeça sadia e o corpo são.
 - Prevenir o uso de drogas, fumo e álcool.
 - População mais saudável.
 - Criação de hábitos de saúde.
 - Combater o "stress".
 - Equilibrar corpo e mente.
 - Válcula de escape.
-

6. MORAL

- Desinibição.
- Favorece o surgimento de lideranças.
- Preservação de hábitos e costumes, para o bem estar da população.
- Disciplina reações e obedecer regras.
- Fortalecimento da vontade.
- Consciência social.

- O esporte encaminha a criança para uma postura crítica do que é certo e errado.
- Formar alunos que saibam lutar pela vida honestamente.

lor do esporte na escola, no contexto histórico, econômico, cultural e social.

A revista Nova Escola (1990), periódico destinado a professores de 1º grau, abre matéria especial com as seguintes chamadas:

"Professores de 1ª a 4ª série não precisam se preocupar com Educação Física. Sendo o organismo das crianças dessa idade ainda frágil, uma boa recreação é suficiente. Já os maiores devem fazer muita ginástica e praticar esporte, para desenvolver um físico saudável. O esporte educa e a escola é o local indicado para a iniciação dos futuros atletas. O professor deve poupar os alunos fracos e ser enérgico com os agressivos e indisciplinados. Desenvolver noções de disciplina e respeito aos mais velhos é uma das importantes funções da Educação Física. Se você concorda com as afirmações acima, está desatualizado e precisa muito ler esta matéria. A exemplo do que já está ocorrendo com a alfabetização e várias outras disciplinas, o surgimento, nos últimos anos de novas teorias ameaçam revolucionar. Os formuladores destas teorias querem uma educação de corpo inteiro, que se preocupe não apenas com a mente, mas também com a amplitude e o aperfeiçoamento dos movimentos do homem, para que ele possa melhorar sua relação com a natureza e com os outros homens - e que tenha condições de aproveitar melhor a vida". (FRARE Nova Escola, 1990, p. 10)

Verificamos que novas relações, novos conceitos, se estabelecem entre a Educação Física e o esporte na escola com a realidade social e educacional. Estas relações são apreciadas segundo novos valores para o espírito humano, onde a prática esportiva disciplinadora dá lugar à prática esportiva humanizadora.

Vejamos dois tipos de declarações totalmente antagônicos:

"O esporte na escola é importante para a sociedade por preparar o aluno para viver em grupo, para o convívio social, levando-o a questionar, discutir, sobre modelos prontos e o comércio que existe sobre os mais aptos e capazes de representar a sociedade em determinados esportes". (Professor, 25 anos, sexo feminino, 6 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"O esporte na escola é importante para a sociedade por desenvolver cidadãos prontos para ganhar ou perder e criar novas situações e enfrentar desafios, lutar e vencer na vida". (Professor, 39 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"O espírito competitivo é um sentimento inato no homem e deve ser incentivado". (Professor, 35 anos, sexo feminino, 16 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Observa-se que a segunda e a terceira resposta são desprovidas de qualquer contextualização, além, é claro, de desconhecem a influência cultural e social referente à competição, sendo que, ainda, reforçam a perspectiva utilitarista, funcionalista e conservadora do esporte na escola.

A primeira declaração, entretanto, revela, ao nosso ver, o que o esporte na escola devia ser e na maioria das vezes não é: um instrumento pedagógico a mais, na perspectiva de uma educação verdadeiramente libertadora. Esta declaração leva em conta o contexto social e nos dá idéia de autonomia, quando diz que o aluno deve ter condições de discutir os modelos prontos.

Portanto, a primeira declaração nos revela a postura Estrutural Crítica e as outras duas declarações revelam a postura Estrutural Alienada.

MARINHO DE OLIVEIRA (1985), ao propor a Educação Física Humanista, chamou a atenção, embora referindo-se aos métodos de ensino em Educação Física, para as posturas comportamentalista, ambivalente e humanista, ressaltando e recomendando o que se segue:

"A Educação Física tem tido uma preocupação excessiva com os métodos de preparação física (treinamento em circuito, treinamento intervalado, etc). Estes voltados unicamente para a excelência da forma física, tendem a ser transplantados para a esfera escolar, afastando os professores da discussão acerca dos métodos de ensino. (...)

"Que se intensifiquem os estudos de Educação Física na área de ciências humanas e sociais, de modo a caracterizá-la como área do conhecimento que se proponha a melhor compreensão do homem, enquanto ser individual e social". (MARINHO DE OLIVEIRA, 1985, p. 84)

As conclusões deste autor, verificamos na prática quando em diversas observações constatamos que, antes da prática de um jogo coletivo o professor dirige os seguintes procedimentos:

- 1º - Aquecimento com corrida simples.
- 2º - Exercícios de ginástica geral, ora todos executados em determinado tempo, ora conforme um dado número de repetições.
- 3º - Execução de um fundamento do esporte em questão.
- 4º - Jogo coletivo.

MEDINA (1986), em profundo estudo político e filosófico, identifica três concepções fundamentais de Educação Física:

I - A Educação Física Convencional, baseada na pedagogia tradicional, cuja visão dualista de homem se preocupa

com o adestramento, e o enfoque biológico nas práticas esportivas. Os professores que esposam esta concepção têm baixa percepção da realidade e revelam uma consciência intransitiva.

A declaração subsequente é um claro exemplo do que fala o autor:

"Com uma juventude esportista, temos menos problemas sociais". (Professor, 38 anos, 18 anos de experiência, leciona em 1º grau)

II - O autor aponta outra concepção: A concepção de Educação Física Modernizadora, cuja ênfase é a educação através do físico, visa atender às necessidades psíquicas do indivíduo. Além do biológico, esta concepção preocupa-se com o psicológico e revela uma consciência transitiva crítica.

Verificamos esta concepção nas seguintes afirmações:

"Ação compensatória às frustrações cotidianas". (Professor, 39 anos, sexo masculino, 12 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Preparar o aluno para participar da sociedade". (Professor, sexo masculino, idade não declarada, 7 anos de experiência, leciona em 1º grau)

III - Propõe, finalmente, MEDINA (1986) a Educação Física Revolucionária, cuja concepção parte da interpretação da realidade, levando em conta o contexto histórico-cultural. É a educação do, pelo e para o movimento, ou seja, trata de buscar o sentido amplo do gesto motor. Tal concepção, sentencia o autor que: "... antes de um desafio profissional, estamos diante de um desafio existencial". (MEDINA, 1986, p. 91)

Esta concepção encontra eco na seguinte manifestação:

"Espaço de equidade e igualdade entre aptos e não aptos". (Professor, 36 anos, sexo masculino, 14 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"A sociedade e o esporte possuem características similares em sua essência, ambos funcionam com as regras criadas pelo homem". (Professor, 38 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em 2º grau)

Das tendências apresentadas por GHIRALDELLI (1988), a Tendência Competitivista que predominou no País a partir de 1964 apresenta uma postura ao nosso ver Estrutural Alienada, pois, para os professores que revelam tais posições, a importância do esporte na escola para a sociedade está na formação de atletas. Vejamos as seguintes respostas:

"Revela atletas para o esporte profissional e desenvolve o esporte nacional, inclusive prontos para participarem de Olimpíadas". (Professor, 28 anos, sexo masculino, 10 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Resultados técnicos para o País". (Professor, 32 anos, sexo masculino, 10 anos de experiência, leciona em 2º grau)

"Identificar talentos e representar o Estado". (Professor, 45 anos, sexo feminino, 17 anos de experiência, leciona em 2º grau)

Segundo o autor:

"... a Educação Física fica reduzida ao desporto de alto nível. A prática desportiva deve ser massificada, para daí poder brotar expoentes capazes de brindar o País com

medalhas olímpicas. No âmbito da Educação Física Competitivista, a ginástica, o treinamento, os jogos recreativos, etc, ficam submetidos ao desporto de elite. Desenvolve-se assim o treinamento desportivo baseado nos avançados estudos da Fisiologia do Esforço e da Biomecânica, capazes de melhorar a técnica desportiva. A Educação Física é sinônimo de desporto, e este, sinônimo de verificação de performance". (GHIRALDELLI JR., 1988. p. 20)

CASTELLANI FILHO (1988) identifica também três tendências para a Educação Física Brasileira. A primeira analisa o movimento humano e a compreensão do homem sob o aspecto puramente biológico: é a Biologização. A segunda, a Psipedagogização, tendência de fundo tecnicista, centrada na busca da capacitação técnico-profissionalizante. A terceira tendência, Transformadora, enfatiza a consciência corporal, tratando o movimento humano como fator de cultura, tendo por base o contexto histórico, social e cultural da sociedade brasileira.

REPPOLD FILHO (1988) identifica basicamente duas tendências na postura pedagógica dos professores de Educação Física: uma contextualizada reprodutivista e outra descontextualizada, na análise da prática da Educação Física de 1º e 2º graus no Rio Grande do Sul.

Segundo o autor:

"As conseqüências dessas posturas são uma posição de imobilismo e impotência frente à estrutura social e de preparação do indivíduo para desempenhar da melhor forma possível o seu papel dentro dos poderes estabelecidos". (REPPOLD FILHO, 1988, p. 87)

Por isso encontramos respostas como:

"Oportunizar condições de vida melhor ao cidadão, inclusive financeira". (Professor, 46 anos, sexo feminino, 20

anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Melhorar a saúde social, espírito fraterno de união". (Professor, 43 anos, sexo feminino, 20 anos de experiência, leciona em 1º e 2º grau)

"Para o aluno participar da sociedade de forma cordial". (Professor, 30 anos, sexo masculino, 10 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Ensina o aluno a viver em grupo disciplinadamente". (Professor, 41 anos, sexo masculino, 18 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Indivíduo que produza e transmita algo útil à sociedade". (Professor, 48 anos, sexo masculino, 21 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

As nossas observações, a análise das respostas e as entrevistas nos levaram à seguinte conclusão: efetivamente o esporte na escola é conservador e reproduz a estrutura social. A postura frente a esta reprodução se manifesta na maioria das vezes de forma alienada, ou seja, o professor não percebe e não faz nenhuma reflexão sobre isso. Por isso chamamos esta postura de Estrutural Alienada.

Na contramão, identificamos professores que percebem a reprodução do esporte na escola, percebem a escola como difusora e reprodutora da estrutura social, assumem uma metodologia, uma postura crítica e fazem uma reflexão sobre o assunto com seus alunos. Esta postura identificamos como Estrutural Crítica.

Podemos observar esta postura nas seguintes respostas:

"O esporte na escola é importante para a sociedade para mascarar os conflitos ideológicos". (Professor, 39 anos, sexo masculino, 12 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Alienar o indivíduo das questões políticas e sociais". (Professor, 27 anos, sexo feminino, 5 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Estimula o consumo, atende as elites e gera lucros". (Professor, 26 anos, sexo feminino, 4 anos de experiência, leciona em 1º grau)

Entretanto, temos esperança no surgimento de uma prática de esporte na escola que atenda aos interesses dos alunos, que assuma uma postura contextualizada, crítica e que seja capaz de contribuir para a transformação da sociedade, ao observarmos declarações, tais como:

"O esporte na escola é importante para a sociedade porque é capaz de oferecer a oportunidade para a formação do homem consciente, crítico, sensível à realidade que o envolve". (Professor, 37 anos, sexo feminino, 8 anos de experiência, leciona em 1º grau)

4.2.9 Cultural

Respondendo ainda sobre a importância do esporte na escola, para a sociedade, os professores de Educação Física das escolas públicas e particulares de 1º e 2º graus de Porto Alegre manifestaram posições que evidenciavam a ocupação do tempo livre com atividades esportivas, tanto no período escolar como fora deste, enunciando assim uma perspectiva de lazer. Desta forma, o ensino do esporte na escola assume uma perspectiva de futuro na medida em que as crianças ampliam seu leque de in-

formações culturais para o tempo de lazer.

Entretanto, esta utilização do esporte na escola, como atividade de lazer e recreação para o aluno em suas vivências extra-classe e como futuro cidadão egresso da escola de 1º e 2º graus, revela características pragmáticas e utilitaristas (MARCELINO, 1983), na medida em que o esporte ensinado para este aluno, como já vimos anteriormente, tem na maioria das vezes a perspectivas do rendimento, privilegiando a competição e não a expressão corporal através do gesto esportivo. Assim, esta ótica não se identifica com o lazer enquanto uma atitude e fator de humanização, crescimento individual e social, bem como espaço de expressão maior do ser humano (DUMAZEDIER, 1973).

A reflexão teórica da importância do lazer na vida do homem contemporâneo, considerando os ganhos que tem em termos de tempo livre, face à redução progressiva na jornada de trabalho, apresenta-se como questão essencial em todo o processo educacional, cultural e social da civilização.

Particularmente a escola, embora suas limitações, é o espaço onde se transmite a cultura e o saber historicamente sistematizado. A educação do jovem não se processa somente na escola, a instrução entretanto constitui-se de uma das suas principais atividades, e aí, quanto maior a quantidade de informações recebidas, tanto maior seu horizonte cultural e tanto maior a possibilidade da recriação da cultura.

Sendo o lazer forma de cultura que abrange não só as atividades que privilegiam o intelecto, mas também as que privilegiam o movimento, integrando sempre o sentir e o fazer, é de se supor que o aluno com maior repertório de gestos motores e esportivos aprendidos, maiores possibilidades terá de expressão, criação e recriação de cultura, logo, determinando, des

ta forma, uma visão de cultura desportiva.

MAHEU (1985), ao analisar as relações entre esporte e cultura, conclui em profundo estudo que esporte é cultura quando afirma:

"Não existe, como espero ter demonstrado, qualquer incompatibilidade entre desporto e cultura, ao contrário, dificilmente se poderia citar dois fenômenos tão próximos entre si, tão intimamente aproximados. Apesar disso o desporto não conseguiu ultrapassar os umbrais da expressão cultural. Dito de outra forma, o desporto é cultura e tem função de cultura em seu conteúdo, mas não alcançou a expressão formal da cultura". (MAHEU, 1985, p. 19)

Desta forma, é permitido considerar que a prática, o ensino e a especialização de um determinado esporte, como por exemplo o futebol, é equivalente à prática, ao ensino e à especialização em pintura. Logo, se estes assumem características mecanicistas, pragmáticas, mercantilistas, alienantes e funcionalistas, os condicionantes são muito mais históricos e sociais do que fundamentalmente da essência destas técnicas. É portanto aí que as ações dos profissionais dessas áreas assumem relevância sem par na compreensão e discussão dos fenômenos humanos.

"Desporto e arte são, ambos, criadores de beleza, mas em sentidos completamente diversos. O desporto é a beleza imanente, que se identifica com o ato que a cria. A arte, sobretudo em suas formas mais modernas, é uma arte de dissociação por meio da qual o símbolo cria um universo, que rivaliza com o universo real, do que se afasta." (MAHEU, 1985, p. 23)

Adiante, o autor estabelece uma comparação material entre a beleza do movimento do lançamento do disco e a es-

cultura de Mirôn, o discóbulo, comparando a beleza da expressão momentânea e a beleza da expressão eterna.

O lazer como crescimento, como expressão, como humanização do homem, deve servir, portanto, dentre outros meios para a busca da beleza, da verdade, da paz e da libertação do homem. Neste sentido, o esporte ensinado na escola pode revestir-se de uma poderosa forma de lazer, quando praticado de forma consciente e expressiva.

Por outro lado, verificamos que os professores, em sua maioria, somente absorvem aquele sentido utilitário que falou MARCELINO (1983). Reafirmando esta visão, a ocupação do tempo livre, na opinião dos professores de Educação Física, relaciona-se com a saúde física e mental.

"O esporte na escola é importante para a sociedade, para que o aluno aprenda a ocupar o tempo ocioso". (Professor, 30 anos, sexo masculino, 5 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"O esporte na escola é importante para a educação, para o lazer". (Professor, 23 anos, sexo feminino, 3 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Verifica-se nestas duas respostas uma preocupação desprovida de uma reflexão maior, apenas confirmando o caráter utilitário da prática esportiva: ocupação do tempo livre.

ROLIM (1989), em ampla investigação sobre Lazer e Educação permanente em que estuda os grupos de natureza esportiva, cuja atividade principal são as atividades esportivas e os grupos de natureza sócio-artísticas, cujas atividades principais são as atividades artísticas, conclui:

"Finalizando os resultados da investigação provaram que o lazer é fator de desenvolvimento das pessoas quando praticado deliberadamente. Contribui através de suas diversas modalidades, não só para satisfazer as necessidades vitais de cada um, mas também influi na mudança de comportamento das pessoas, como se pode constatar através da história de alguns grupos, cujos monitores se mostraram mais conscientizados despertando todo o grupo para assumir seu próprio desenvolvimento. Parece, então, que é nesse momento que o lazer se imbrica com o processo educativo". (ROLIM, 1989, p. 101)

Logo, um professor consciente da amplitude e importância do esporte na escola como forma de expressão, tem decisivo papel na formação do aluno e na perspectiva de educação permanente do futuro cidadão.

Tal assertiva é reforçada pela seguinte declaração:

"O esporte na escola é importante para a sociedade para o lazer, formação e educação do aluno". (Professor, sexo feminino, 34 anos, 10 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Os valores morais, sociais, éticos e pessoais são adquiridos, aprimorados, modificados e respeitados na prática esportiva". (Professor, 38 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em 2º grau)

Ainda nos depoimentos que seguem, podemos observar a importância do esporte na escola, na vida do aluno, que tanto pode ser um instrumento de autonomia como um instrumento de alienação, mesmo quando considerado como modalidade de lazer e expressão cultural.

"Elemento de cultura física de um povo". (Professor, 37 anos, sexo feminino, 14 anos de experiência, leciona em

1º grau)

"Tornar as pessoas mais felizes. Humanização". (Professor, 38 anos, sexo masculino, 16 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Papel aculturador e massificador". (Professor, 28 anos, sexo feminino, 8 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

Nesta última declaração, observamos um olhar aguçado que identifica nas práticas esportivas o caráter hegemônico da cultura e do conceito de lazer que se transmite na escola e que na maioria das vezes leva ao consumo.

Não é sem razão que ROLIM (1989) adverte:

"Impõe-se ao sistema escolar a necessidade de oferecer oportunidades à criatividade, porque só o homem que sabe criar é capaz de fazer do seu tempo livre um tempo construtivo, um tempo de lazer". (ROLIM, 1989, p. 104)

MARCELINO (1987), ao analisar o espaço de lazer na escola e seus equívocos, bem como a valorização da cultura popular, propõe a pedagogia da animação onde o lazer e a escola têm papel fundamental como centro e pólo de criação e recriação da expressão cultural do homem.

O esporte na escola desta forma investiu-se de importância e incorpora-se a perspectiva que citamos anteriormente, onde a iniciação, a prática e a especialização, terão como fim último o lazer enquanto expressão criadora e recriadora da cultura popular.

4.3 Referências para Prática do Esporte na Escola Pública e Particular

Além do objetivo geral deste estudo, de identificar a significância do esporte na escola, no processo educativo, pensamos também em observar até que ponto os meios, isto é, os recursos humanos, físicos e materiais exercem influência no fim maior, o esporte na escola. E, como este, é condicionado por estas variáveis intervenientes, que condicionadas pelo contexto social envolvem não só o esporte na escola, como a própria instituição escolar e todos os sistemas de ensino, micro, meso e macro. Interessou-nos saber, também, como estes meios pressionam a relação professor-aluno durante as práticas esportivas na escola.

Solicitamos, também, aos professores de Educação Física de 1º e 2º graus de Porto Alegre que expressassem os critérios, segundo os quais eles administravam as modalidades esportivas na escola pública e na escola particular (Apêndices 7 e 8).

Das posições manifestadas no questionário, bem como nas afirmações colhidas nas entrevistas, identificamos quatro referências norteadoras para a prática do esporte na escola pública e na escola particular. Referenciais estes que nos permitiram rastrear diferenças entre escola pública e escola particular, não só com relação à prática esportiva, mas também diferenças estruturais e conceituais.

Os referenciais norteadores da ação do professor ao administrar o esporte na escola são: Aluno, Recursos Físicos e Materiais, Instituição e Professor.

TABELA 6 Critérios de escolha do esporte na escola pública

1. CATEGORIA - ALUNO

- Necessidades e preferências dos alunos.
- Faixa etária.
- Grau de escolaridade.
- Critério gradativo de dificuldades.
- Respeitando o desenvolvimento motor do aluno e proporcionando-lhe vivências.
- Interesse do grupo.
- Limite biológico do aluno.
- Votação dos alunos.
- O que agrada a maioria.
- Tipo físico.
- Clientela a ser atendida.
- Índice de repetência.
- Grau de desenvolvimento das habilidades motoras.
- Esportes que desenvolvem fora da escola.
- Sexo.
- Escolha do aluno.
- Carência dos alunos (higiene e nutrição)
- Planejamento com o aluno.

2. CATEGORIA - RECURSOS FÍSICOS E MATERIAIS

- Disponibilidade do espaço físico.
- Material adequado.
- Esportes mais divulgados pelos meios de comunicação.
- Meio comunitário.
- Espaço físico.
- Dentro da possibilidade da escola.
- Falta de material.
- Não tem escolha, devido à carência e o que pode ser feito.
- Realidade escolar.

3. CATEGORIA - INSTITUIÇÃO

- Pré-seleção em séries.
- Segundo a estrutura pedagógica da Educação Física.
- De acordo com planejamento superior.
- Também o calendário de festividades (danças, etc).
- Popularidade do esporte.
- De acordo com a orientação da SMED (baseada em conteúdos mínimos).
- De acordo com a orientação dos supervisores de Educação Física.
- Objetivos da escola.
- A escola costuma participar dos jogos promovidos pela Delegacia de Educação.
- Aproveitamento da moda passageira de algum esporte.

- Conforme o plano já determinado.
 - Não dá para ter critérios.
 - Oferecer várias atividades para enriquecer o currículo.
 - Participação em competições oficiais.
 - Opção de lazer.
 - Currículo escolar.
 - Depende da série e grau.
 - Depende do programa anual.
-

4. CATEGORIA - PROFESSOR

- De acordo com o pensamento do professor.
- Preferência do professor.
- Esportes individuais, pois satisfaz mais os alunos.
- 2º grau de acordo com a especialidade do professor.
- Os esportes que mais eu domino.
- Futebol porque é preferência nacional.
- Sorteio.
- Planejamento dos professores.
- Reunião com a Coordenação de Disciplina.
- Criatividade.
- Escolha do professor.

TABELA 7 Critérios para escolha do esporte na escola particular

1. CATEGORIA - INSTITUIÇÃO

- Conforme o planejamento geral da coordenação.
- Objetivos da escola.
- Programas da escola.
- Visão do esporte na escola.
- A escola costuma participar de torneios ou competições, promovidos pela sua congregação.
- Aproveitamento da "moda".
- Seguir o cronograma proposto pela seção de ensino obrigatoriamente.
- Segundo as tendências e a tradição que a escola tem dentro de uma modalidade esportiva.
- Dentro do que é obrigatório.
- Base curricular seqüencial.
- De acordo com os princípios de educação do colégio, crescimento pessoal e não competição, recreação.
- Cada semana um tipo de esporte.
- Os mesmos da escola pública.
- A própria escola contrata professores especializados em cada esporte.
- Segundo os critérios de aprendizado, aperfeiçoamento e especialização esportiva.
- Currículo escolar.
- Necessidade curricular.
- Planejamento e objetivos da escola.

2. CATEGORIA - ALUNO

- Preferência dos alunos.
- Faixa etária.
- Grau de habilidade dos alunos.
- Nível cultural do grupo.
- Dotes da clientela.
- Aptidão de cada aluno.
- Observando o interesse do grupo.
- Os alunos optam por um determinado esporte entre os oferecidos.
- Alunos que têm a melhor média.

3. CATEGORIA - PROFESSOR

- Conforme a especialização do professor.
- Proporcionar vivências aos alunos.

4. CATEGORIA - RECURSOS FÍSICOS E MATERIAIS

- Disponibilidade de local.
- Recursos materiais.

Tanto na escola pública, como na escola particular, o conteúdo das respostas foi basicamente o mesmo. Assim, tivemos, por exemplo, como referência ao critério aluno, as seguintes respostas:

"Defino o esporte a ser praticado na escola, segundo o interesse dos alunos". (Professor, 30 anos, sexo masculino, 5 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"O aluno é quem escolhe em várias alternativas". (Professor, 47 anos, sexo feminino, 26 anos de experiência, leciona em 2º grau)

"Discuto as possibilidades com os alunos". (Professor, 35 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Verifico as necessidades e habilidades dos alunos". (Professor, 32 anos, sexo feminino, 11 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Faixa etária, e a clientela a ser atendida". (Professor, 37 anos, sexo feminino, 6 anos de experiência, leciona em 1º e 2º grau)

Os recursos físicos e materiais ocuparam grande parte das posições emitidas pelos professores, principalmente aqueles que assinalavam seu local de trabalho nas escolas públicas de 1º grau. Vejamos as seguintes respostas:

"Disponibilidade do espaço físico". (Professor, 32 anos, sexo masculino, 4 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Falta material, é o que pode ser feito". (Professor, 54 anos, sexo masculino, 30 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Disponibilidade de material e espaço físico". (Professor, 54 anos, sexo masculino, 30 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

A influência significativa das concepções e valores do professor materializaram-se nas seguintes respostas:

"De acordo com o professor". (Professor, 36 anos, sexo masculino, 9 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"O esporte que eu mais domino". (Professor, 36 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Esportes individuais, pois satisfaz mais os alunos". (Professor, 34 anos, sexo feminino, 15 anos de experiência, leciona em 1º grau)

"Futebol é preferência nacional". (Professor, 32 anos, sexo feminino, 10 anos de experiência, leciona em 1º grau)

É possível perceber que estas posições refletem a influência que o meio externo exerce primeiramente no professor e por conseqüência na escolha do esporte a ser praticado na escola, bem como revelam a pretensão de um número significativo de professores de serem os julgadores absolutos do que é melhor para os seus alunos. Estas tendências quando exacerbadas desembocam no autoritarismo do treinamento torturante e da especialização precoce.

O papel das instituições como referencial na escolha do esporte na escola manifesta-se, ao nosso ver, essencialmente nas seguintes respostas:

"Conforme plano já determinado". (Professor, 26 anos, sexo masculino, 5 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Visão do esporte na escola". (Professor, 29 anos, 12 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"Seguindo as tendências e a tradição que a escola tem dentro de uma modalidade esportiva". (Professor, 48 anos, sexo masculino, 23 anos de experiência, leciona em 2º grau)

"Planejamento e objetivos da escola". (Professor, 31 anos, sexo masculino, 8 anos de experiência, leciona em 1º e 2º graus)

"A própria escola contrata professores especializados em cada esporte". (Professor, 41 anos, sexo masculino, 18 anos de experiência, leciona em 1º grau)

A esta altura, então, é importante salientar que a questão essencial é a prioridade de referência, isto é, embora o conteúdo das respostas e as posições explicitadas verbalmente sejam semelhantes, há diferenças significativas na priorização dos referenciais de que estamos tratando.

Nas escolas públicas, os referenciais que sistematizamos para a escolha do esporte a ser praticado na escola obedecem à seguinte ordem de prioridade: Aluno, Recursos Físicos e Materiais, Instituição e Professor, ou seja, primeiro são observados os interesses, as necessidades e as habilidades dos alunos, depois os recursos materiais disponíveis na escola, depois as orientações filosóficas e pedagógicas do sistema de ensino, no caso em tela, a Secretaria Estadual e Secretaria Municipal de Educação e, finalmente, as preferências e interesses dos professores.

Nas escolas particulares, as prioridades dos referenciais se modificam, ordenando-se da seguinte forma: Instituição, Aluno, Professor e Recursos Físicos e Materiais.

Assim, o esporte administrado nas escolas particulares obedece primeiramente à linha filosófica pedagógica e institucional da escola, depois aos interesses dos alunos, e, por fim, aos recursos físicos e materiais.

Analisando estes referenciais norteadores, é possível afirmar que, na escola pública, tendo em vista a importância que assumem os interesses e as necessidades dos alunos, há espaço e um terreno fértil, por um lado, para a construção e execução de um trabalho diferenciado, democrático e alternativo no método de ensino, na prática e até na especialização do esporte na escola e, por outro, para uma conjuntura propícia ao nada fazer.

Isto nos leva a pensar que o fato de a ação da orientação filosófica e pedagógica das instituições estadual e municipal não ser diretiva, nem contundente, intervem positivamente para a construção de uma proposta teórico-prática mais adequada à realidade da escola e aos interesses da comunidade escolar. Não somos ingênuos em pensar que estes interesses e necessidades manifestadas pelos alunos são isentos de outras influências, pelo contrário, somos conscientes do condicionamento exercido pelos meios de comunicação na manutenção de um modelo esportivo que privilegia a performance esportiva e a sociedade de rendimento. Há, porém, condições propícias e favoráveis à discussão e ao questionamento da situação atual do esporte na escola.

Já nas escolas particulares, observa-se que a influência das concepções filosóficas, confessionais e pedagógicas são agentes causais da concepção e prática do esporte na escola. Há escolas, por exemplo, onde a direção determina os esportes e os procedimentos a serem utilizados na prática esportiva.

Os recursos físicos e materiais refletem a diferença existente entre as escolas públicas e particulares. Na escola pública é fundamental a definição do esporte a ser praticado, pois, dada a carência das mesmas, muitas vezes o professor faz o que pode ser feito e não o que deveria ser feito. Via de regra, a escola pública não tem espaço adequado às práticas esportivas, nem material didático disponível para o ensino e prática do esporte na escola. Frequentemente, por exemplo, o professor utiliza uma bola adquirida com os recursos "rateados" entre os alunos para trabalhar o esporte na escola.

Já na escola particular, geralmente, este referencial não tem relevância na definição do esporte na escola, pois quase sempre possuem espaços, obras físicas específicas (ginásios, quadras, etc) e material didático adequado e suficiente. Basta que o professor siga a orientação da escola e conjugue seus interesses com o dos alunos.

Os referenciais que examinamos ao longo deste tópico refletem, ao nosso ver, o ensino diferenciado que CUNHA (1980) abordou. Um ensino destinado a classes sociais diferentes cujo objetivo assenta-se nas estratégias de dominação de uma classe social por outra que assegura e acentua as desigualdades sociais. Um ensino propedêutico às elites dominantes, e um ensino utilitário, técnico-funcionalista aos dominados, onde o esporte na escola insere-se para perpetuação deste ensino desigual, principalmente quando o professor privilegia a competição esportiva entre os escolares, partindo do princípio de que todos são iguais perante as regras do jogo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

* Observou-se neste estudo que os professores de Educação Física de Porto Alegre têm uma dificuldade muito grande em relacionar o esporte na escola com o contexto social que o envolve. É urgente que se estude o esporte na escola à luz, prioritariamente das ciências sociais.

* O esporte na escola é o palco onde se manifestam e convivem dialeticamente as grandes contradições deste fenômeno social chamado esporte e as contradições da instituição escola, ora como elemento de preservação de hábitos e valores sociais hegemônicos, ora como espaço, em via de contramão, de transformação destes hábitos e valores sociais.

* A maioria dos professores de 1º e 2º graus das escolas públicas e particulares de Porto Alegre trabalha no ensino do gesto e na prática do movimento, sendo que, na maioria das vezes, a metodologia é diretiva, disciplinadora e modelada em gestos estereotipados, cuja conseqüência final é a redução do espaço reservado à espontaneidade e à afetividade, bem como da criatividade de movimentos.

* Os professores entendem que a importância do esporte na escola está na socialização do aluno, entretanto,

constata-se que não há clareza suficiente no que vem a ser socialização, sendo que a visão na maioria das vezes é funcionalista e apenas repassa os valores sociais vigentes e a ideologia dominante. O esporte, portanto, de uma maneira geral, nas escolas de Porto Alegre, tem uma prática conservadora, havendo poucas iniciativas em contrário. Por isto, somos levados a crer que, como está estruturado, o esporte na escola pode contribuir muito pouco para a transformação da sociedade. Urge a necessidade de uma nova prática do esporte na escola.

* Relacionando o esporte na escola ao desenvolvimento moral e intelectual do aluno, observou-se neste estudo a estreita vinculação entre o ato motor e a comunicação e expressão do ser humano. Segundo os autores que embasam este estudo, a motricidade vem a ser a base da expressão verbal e não verbal. O que nos leva a dizer que o esporte na escola deve ser trabalhado tendo como horizonte a expressão do aluno e à luz de uma metodologia diferenciada, na medida em que o mesmo é, acima de tudo, um instrumento a mais de educação, cujo objetivo maior deve ser, além da capacidade de comunicação e expressão do estudante, o de desenvolver a autonomia. Esta é ao nosso ver a grande contribuição para o aluno do esporte na escola.

* Contribuir para a saúde e prevenir o uso de drogas (legais e ilegais). Estas são as noções que os professores de Educação Física de 1º e 2º graus de Porto Alegre têm maior clareza quanto à importância do esporte na escola para o aluno.

A partir deste estudo na categoria saúde, constatam-se duas grandes reduções: a redução biológica, que enfatiza o valor do esporte na escola para a saúde física do indivíduo, desconsiderando o processo saúde-doença como um todo

bio-psico-social; e a redução da performance esportiva. Muitos professores apontam a destreza do gesto como sinônimo de saúde.

* No campo da afetividade, estão as maiores dificuldades de compreensão do esporte na escola. Observa-se que o entendimento dos significados afetivos dos movimentos é pouco nítido. O professor tem dificuldade de interpretação, além do quê, faltam elementos e estrutura afetiva ao professor para trabalhar com a liberdade de movimento. Por isso somos levados a crer que neste ponto assenta-se o caráter disciplinador do esporte na escola.

* Com relação à importância do esporte para a sociedade, os professores de Educação Física de 1º e 2º graus das escolas públicas e particulares posicionaram-se de duas formas distintas. Uma postura estrutural crítica e outra estrutural alienada. A primeira, minoritária, reconhece o caráter reprodutor e mascarador das desigualdades sociais e as diferenças no processo educacional que transpassa o esporte na escola e assume uma postura crítica diante das atuais estruturas sociais, educacionais e esportivas. A segunda, estrutural alienada, majoritária, é a que vê o esporte na escola com valor apenas em si mesmo, não relaciona a prática esportiva na escola com o contexto social que a envolve, sequer com as demais atividades curriculares. Esta postura ora é ingênua, ora é totalmente cega. Os professores que assumem esta postura são agentes inconscientes da perpetuação da estrutura social, dos valores e atitudes hegemônicos das classes dominantes. O esporte na escola como parte da estratégia conservadora trata de contribuir para a preservação da sociedade estratificada em classes sociais.

* O esporte na escola é importante para a escola sob dois aspectos: para a promoção e desenvolvimento da escola e para a formação e desenvolvimento do aluno. No primeiro aspecto, o esporte na escola serve como estratégia de "marketing" (procedimento evidenciado com grande intensidade nas escolas particulares) e serve para o estabelecimento no sentido de promover a vinculação afetiva entre o aluno e a escola. Na formação e desenvolvimento do aluno, a importância do esporte para a escola está calcada na ótica da disciplina e busca a regulação dos movimentos e comportamento do aluno dentro da escola.

* O professor escolhe o esporte a ser praticado na escola, tanto na instituição pública como na instituição privada, levando em consideração referenciais: aluno, recursos físicos e materiais, instituição e o professor. O nível, a forma e o conteúdo das respostas basicamente foram os mesmos, entretanto, a ordem de prioridade foi diferente.

Na escola pública, o primeiro referencial considerado para o planejamento e execução do esporte na escola foi o aluno (interesses, necessidades, habilidades, etc); a seguir os recursos físicos e materiais; logo após a instituição e, por último, o professor.

Na escola particular, em primeiro lugar, com maior ênfase, o esporte na escola é planejado e executado de acordo com a instituição, a seguir, vem o aluno, depois, o professor e, por último, os recursos físicos e materiais.

Podemos concluir que, na escola pública, face ao fato de que o interesse e a necessidade do aluno serem fatores preponderantes, há espaço para trabalho democrático e alternativo na metodologia e prática do esporte na escola. Na escola particular, observa-se que as influências das concepções filo-

sóficas da escola são determinantes da concepção e prática do esporte na escola. Os recursos físicos e materiais na escola pública são importantes no planejamento do esporte na escola, na medida em que materializam a carência generalizada dos meios para o alcance dos fins últimos do esporte na escola. Na escola particular, este item não assume relevância significativa na medida em que, via de regra, as escolas particulares são bem dotadas de recursos físicos e materiais. Situações, divergentes e diferentes, estas, que materializam o ensino desigual que falamos anteriormente.

* O esporte na escola, com raras exceções, não tem sido tratado com a profundidade que merece. Há um esforço de professores talentosos em estimular a discussão deste assunto. Organismos de ciência e associações de classe, em seus conclaves estaduais e nacionais, têm reservado espaços cada vez maiores para este tema: o esporte na escola. Porém, para que este processo seja eficaz, é necessário que a discussão do assunto entre na escola, assuma caráter de transdisciplinariedade e chegue ao professor tão ocupado em sua prática diuturna. Consubstanciar, refletir e discutir as teorias em cima da prática nos parece o caminho mais adequado. Confrontar a prática daqueles que estão no mercado de trabalho com as teorias emergentes através de treinamentos em serviço nos parece uma boa alternativa. Os sistemas oficiais de ensino deverão reservar períodos à reciclagem de professores de Educação Física, cujos conteúdos terão base na Sociologia, Filosofia, Antropologia e outras ciências humanas.

* Os cursos de graduação de professores deverão reservar em seus currículos, nas disciplinas vinculadas às ciências sociais, espaço para a discussão deste tema, o esporte na

escola.

* O sistema estadual de ensino e o sistema municipal de ensino deverão priorizar a escola pública e conseqüentemente o esporte na escola pública com recursos físicos e materiais, incluindo-se aí a bibliografia específica como material essencial que forneça indicadores filosóficos e sociológicos para a discussão do esporte na escola de forma ampla.

* Os órgãos públicos, estadual e municipal, devem conceber uma proposta político-pedagógica, a partir dos interesses dos alunos, de forma democrática que priorize o esporte na escola, como forma de comunicação e expressão, que desenvolva a autonomia do aluno e que trabalhe em favor das classes populares, na construção de uma cultura física e uma cultura esportiva.

* Que sejam estimulados a distribuição e o hábito de leitura com conteúdo que possibilite informações mais adequadas e com maior profundidade, tendo em vista indicativos para a discussão social, política e cultural das práticas esportivas escolares, como também liberando tempo de trabalho ao professor para estudos nesta área.

* Que os órgãos oficiais encarregados da promoção e desenvolvimento do esporte na escola desenvolvam ações conseqüentes e específicas para a construção de uma identidade e de uma especificidade do esporte na escola, rompendo definitivamente com o jugo e a reprodução determinados pelo modelo da performance desportiva.

* Que sejam estimulados, pelos professores em seus alunos o prazer e a expressão do gesto motor antes da eficiên-

cia esportiva. Que o caráter lúdico seja buscado, sempre, antes da instrumentalização funcionalista e utilitária do jogo e do esporte na escola.

* Que, a partir do esporte na escola, os professores críticos desenvolvam, junto com seus alunos, estratégias, que visem à transformação da instituição escolar em um instrumento capaz não só de transmitir os valores sociais dominantes, mas também de contribuir para a discussão e construção de uma nova ordem social, mais justa e igualitária.

BIBLIOGRAFIA

- BRACHT, Valter. A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho (org.): Fundamentos Pedagógicos - Educação Física: flexões e reflexões. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987. p. 180-90 (Fundamentos pedagógicos, 2)
- BRASIL. Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Coletânea de Legislação sobre Educação Física e Desportos. Porto Alegre: SEC/DED, 1980.
- BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1990. Texto aprovado na Comissão de Educação, Cultura e Desporto.
- BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Física e Desportos. Espor-te na Escola: Os XVIII Jogos Escolares Brasileiros como Marco Reflexivo. Brasília: MEC/SEED, 1989.
- BRASIL. Decreto nº 80.228, de 25 de agosto de 1977. Regulamenta a lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975 que institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Coletânea de Legislação sobre Educação Física e Desportos. Porto Alegre: SEC/DED, 1980.
- BRASIL. Decreto nº 69.450, de 1º de novembro de 1971. Regula-menta o art. 22 da Lei nº 4.024, de 20.12.61 e a alínea C do art. 40 da lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá ou-tras providências. Coletânea de legislação sobre educação física e desporto. Porto Alegre: SEC/DED, 1980.
- CARDOSO, Fernando Henrique & FALLETO, Enzo. Dependência e De-senvolvimento da América Latina - Ensino de Interpretação So-ciológica. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1970.

- CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988. 225 p.
- COSTA, Lamartine Pereira da & BUCHER, Richard. Introdução. In: Brasil. MEC. Secretaria de Educação Física e Desportos. Valores Humanos, Corpo e Prevenção: a procura de novos paradigmas para a Educação Física. Brasília. MEC/SEED, 1989. p. 09-11.
- CUNHA, Luis Antonio. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- DE ROSE, Eduardo Henrique. O uso de Anabólicos Esteróides e suas Repercussões na Saúde. In: Brasil. MEC. Secretaria de Educação Física e Desportos. Valores Humanos, Corpo e Prevenção: a procura de novos paradigmas para a Educação Física. Brasília: MEC/SEED, 1989. p. 82:9.
- DONEDA, Denise. Adolescência e Corpo. In: Brasil. MEC, Secretaria de Educação Física e Desportos. Valores Humanos, Corpo e Prevenção: a procura de novos paradigmas para a Educação Física. Brasília, 1989. p. 45-67.
- DUMAZEDIER, Jofre. Lazer e Cultura Popular. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ECO, Umberto. Viagem na Irrealidade Cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FEIO, Noronha. Desporto e Política: ensaios para sua compreensão. Lisboa: Compedium, 1978.
- FERREIRA, Vera Lúcia Costa. Do pensamento político-educacional a uma perspectiva de transformação em Educação Física. In: Manoel José Gomes et alii. Homo Sportivus: Coleção Especial de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1985. V. 3, p. 35-50.
- FONSECA, Vitor da & MENDES, Nelson. Escola, escola quem és tu? Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FRARE, José Luiz. Educação Física. Revista Nova Escola. nº 42. p. 10-8, set. 1990.
- FREIRE, João Batista. Educação de Corpo Inteiro. São Paulo: Scipione, 1989.

- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. 4 ed. Rev. São Paulo: Moraes, 1980.
- GAGNÉ, Robert Mills. Princípios essenciais da aprendizagem para o ensino. Trad. Rute Vivian Angelo. Porto Alegre: Globo, 1980.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1989. 63 p.
- GONÇALVES, Aguinaldo. Saúde e América Latina - Contribuições conceituais e metodológicas. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 11, nº 1, p. 14-8, set. 1989.
- LAPIERRE, A. & AUCOUTURIER, B. A. Simbologia do Movimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- LORENZ, Konrad. A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LÚRIA, Alexandre Romanovich. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Lúria. Trad. Diana Miryan Lisctenstein e Mario Corso; Supervisão de trad. de Sérgio Spritzer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MAHEU, René. Desporto e Cultura. In: TUBINO, Manoel José Gomes et alii. Homo Sportivus: Coleção Especial de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1985. V. 3, p. 15-24.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Educação. Campinas: Papirus, 1987.
- _____. Lazer e humanização. Campinas, Papirus, 1983.
- MEDINA, João Paulo Subirá. A Educação Física Cuida do Corpo ... e "Mente". Campinas, Papirus, 1986.
- NEGRINE, Airton & GAUER, Ruth Maria C. Educação Física e Desporto - Uma visão pedagógica e antropológica. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1990.

- NUNES, Marcomede Rangel. Esporte: instrumento de dominação pedagógica. In: DIEGES, Gilda Koff (org.). Esporte e Poder. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 69:78.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Educação Física Humanista. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- _____. O que é Educação Física. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PIAGET, Jean. A epistemologia genética/Sabedoria e ilusões da Filosofia. Problemas da Psicologia Genética. Trad. Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujanara Daeir, Célia di Piero. 2 ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983. Col. Os Pensadores.
- RAMOS, Roberto. Futebol. Ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984.
- REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo. A Prática da Educação Física: Problemas e alternativas transformadoras na ação educativa e social. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. Subsecretaria de Desporto. Relatório de Atividades. Porto Alegre: SUDESP/SEC 1991.
- ROLIM, Liz Cintra. Educação e Lazer: a aprendizagem permanente. São Paulo: Ática, 1989.
- SANTIN, Silvino. Educação Física: uma abordagem filosófica de corporeidade. Ijuí: UNIJUÍ Editora, 1987.
- SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.
- SERGIO, Manuel. Educação Física ou Ciênica da Motricidade Humana? Campinas: Papirus, 1989. 104 p.
- _____. Filosofia das atividades corporais. Lisboa: Compedium, 1981. 189 p.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, Manoel José Gomes (org). Repensando o Esporte Brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1988.

____. Teoria Geral do Esporte. São Paulo: Ibrasa, 1987.

VIGOTSKY, L. S. Izbrannye psikhologicheskie issledovanya (Selected psychological research). Moscow: Izdatel'stvo Akademii Pedagogicheskikh Nauk RSFSR, 1956 apud LURIA, Alexandre Romanovich. Pensamento e linguagem, as últimas conferências de Luria; trad Diana Myrian Lichtensteis e Mario Corso; Supervisão de trad. Sergio Spritzer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 251 p.

A P Ê N D I C E S

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO

Porto Alegre, abril de 1990

Senhor(a) Diretor(a):

Ao cumprimentá-lo(a), solicito a Vossa Senhoria a especial gentileza de encaminhar aos professores de Educação Física dessa escola os questionários em anexo.

Os dados recolhidos serão utilizados como subsídios para uma pesquisa que visa identificar o valor da prática desportiva na Escola de 1º e 2º graus.

Os resultados da pesquisa servirão para orientar futuramente as políticas públicas para essa área, de sorte que reitero a importância do preenchimento dos questionários.

Sendo o que tinha para o momento, agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,

Vicente Molina Neto

Porto Alegre, abril de 1990

Prezado(a) Professor(a):

Ao cumprimentá-lo(a), venho solicitar sua colaboração respondendo as perguntas abaixo.

As respostas apresentadas fornecerão subsídios para uma dissertação de mestrado, cujo objetivo principal é de identificar a importância da prática do esporte na Escola de 1º e 2º graus.

Acompanha este instrumento um envelope já selado e endereçado, por isto, solicito que o coloque no Correio com a máxima urgência.

Desde já agradeço sua colaboração.

Grato,

Vicente Molina Neto

1. INFORMAÇÕES GERAIS

1.1 IDADE: ____ anos SEXO: () Masculino () Feminino

1.2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Marque o nível mais alto de () graduação () especialização
() mestrado () doutorado

1.3 Em que tipo de Escola trabalha? Se for mais de uma, assinala-a.

() particular () municipal () estadual () federal

1.4 Em que grau ou graus trabalha?

() 1º grau () 2º grau () outros. Especifique: _____

1.5 Tempo de serviço na função de professor de Educação Física: ____ anos.

1.6 Regime de trabalho semanal:

() 20 h () 30 h () 40 h () 60 h

1.7 Preferência quanto à prática de determinado(s) esporte(s).

Marque tantos quantos expressarem suas preferências.

() atletismo () basquetebol () voleibol () futebol

() handebol () futebol de salão (outros)

Especifique: _____

2. RESPONDA, POR FAVOR, AS SEGUINTEs QUESTOES

Obs.: Se o espaço for insuficiente, use o verso da folha.

2.1 Na sua opinião, qual é a importância da prática do esporte para:

a) o aluno:

b) a escola:

c) a sociedade:

2.2 Segundo que critério(s), você escolhe o esporte a ser praticado nas aulas de Educação Física?

2.2.1 Na escola particular:

2.2.2 Na escola pública:

157

APÊNDICE 2 - ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO

1. OBSERVAÇÃO

1.1 Data da Observação:

1.2 Observador:

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

2.1 1º Grau 2º Grau2.2 Particular Municipal Estadual Federal

3. CARACTERIZAÇÃO DO PROFESSOR

3.1 Tempo de Serviço: ___ anos

3.2 Regime de trabalho semanal:

 20 h 30 h 40 h 60 h

3.3 Identificar o esporte objeto da aula

3.4 Verificar a metodologia utilizada

3.5 Verificar se todos os alunos participam com igual intensidade na aula

3.6 Verificar que estímulos o professor passa ao aluno.

3.7 Verificar que espécie de exercícios o professor utiliza - físicos ou técnicos

3.8 Verificar as relações professor-aluno

3.9 Identificar se o professor oportuniza a participação de todos os alunos nos jogos competitivos

4 OBSERVAR SE OS FATOS ESPORTIVOS NOTICIADOS NOS DIAS ANTERIORES À AULA INFLUEM NO COMPORTAMENTO DO ALUNO

APÊNDICE 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 Nome:
- 1.2 Idade:
- 1.3 Tempo de formado:
- 1.4 Instituição em que trabalha:
- 1.5 Séries em que atua:

2. NA SUA OPINIÃO, O QUE É:

- 2.1 Educação:
- 2.2 Educação Física:
- 2.3 Esporte:
- 2.4 Esporte na Escola:

- 3. Identificar os conteúdos programáticos trabalhados nas aulas de Educação Física.
- 4. Verificar a metodologia e as atividades utilizadas nas aulas de Educação Física.
- 5. Verificar o número de alunos e a caracterização dos mesmos durante as atividades esportivas na escola e os critérios do professor para a seleção dos alunos.
- 6. Investigar o caráter competitivo das atividades esportivas na escola.
- 7. Identificar o trabalho com treinamento esportivo na escola e suas razões.
- 8. Verificar se o professor tem compreensão que o esporte na escola tem características filosóficas, políticas e sociais ou somente técnicas. Exemplificando.
- 9. Verificar se o professor percebe que o esporte tem vínculos políticos ou não.

10. O esporte na escola deve preparar o aluno para ser um futuro atleta.
11. O esporte na escola deve preparar o aluno para o lazer.
12. O esporte na escola perpetua ou transforma os valores da sociedade.
13. Identificar quem propõe as atividades esportivas na escola.
14. Verificar se as promoções e eventos esportivos promovidos pelo Sistema Oficial de Ensino têm influência no trabalho do professor de Educação Física.
15. Identificar na percepção do professor como e quando o esporte na escola é instrumento educativo.
16. Observar se os meios de comunicação influenciam o esporte na escola.
17. Verificar em que situações o professor se sente gratificado com seu trabalho, ao desenvolver o esporte na escola.
18. Identificar finalmente se na opinião do professor o esporte tem importância ou não no âmbito da escola. Em que medida.
19. Efetuar qualquer comentário sobre a prática esportiva na escola.
20. Identificar como o professor trabalha os contrastes competição x participação nas atividades esportivas na escola.

APÊNDICE 4 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS
QUANTO À IMPORTÂNCIA
DA PRÁTICA DO ESPORTE
NA ESCOLA PARA O ALUNO

NA SUA OPINIÃO, QUAL É A IMPORTÂNCIA DA
PRÁTICA DO ESPORTE NA ESCOLA PARA O ALUNO?

- Desenvolvimento, condicionamento e treinamento físico das valências físicas, das habilidades motoras e da psicomotricidade e da performance técnica.
- Conhecimento, consciência e domínio corporal, expressão corporal, resgatar a corporeidade.
- Desenvolvimento mental, raciocínio.
- Desinibidor, fluir emoções.
- Elemento aglutinador.
- Sociabilidade, preparar o aluno para a vida em sociedade, convivência, trabalho em grupo.
- Atenção.
- Hábito e formação para o lazer, ludicidade, ocupação do tempo livre.
- Caráter recreativo (possibilidade de recrear-se, prazer do jogo).
- Solidariedade e humanidade, afetividade.
- Socializador. Socialização, independente de preconceitos.
- Responsabilidade, liderança, segurança.
- Respeito a si mesmo.
- Vontade de lutar pela vitória.
- Espírito de superação, vontade de vencer, tenacidade.
- Ordem e disciplina, saber as regras do jogo e da escola.
- Saber seus limites.
- Espírito de equipe.
- Espírito esportivo.
- Espírito de competição.
- Desenvolvimento da personalidade, que o aluno assuma sua identidade, formação do caráter e personalidade.

- Espírito cívico.
- Aprender a assistir a um jogo.
- Gosto pela atividade física.
- Proporcionar hábitos e atitudes em geral e de higiene.
- Prevenção ao uso de drogas.
- Valores morais.
- Saúde em geral e para o corpo, sistema nervoso e circulatório, massa muscular, desenvolvimento harmônico.
- Formação global do aluno.
- Desenvolvimento da criatividade.
- Alienante.
- Admiração dos demais colegas, prestígio do aluno em seu ambiente.
- Satisfação pessoal e da necessidade de movimento.
- Liberação de energias e tensões, preocupações acumuladas.
- Educar através do movimento.
- Influência no processo ensino-aprendizagem, tornar mais completo.
- Ampliar seus horizontes culturais.
- Motivação para as demais aulas.
- Integração cognitiva e intelectual, encontro do físico com o intelecto.
- É o ápice para que o aluno expresse seu potencial físico e emocional.
- Conhecer o mundo ao seu redor.
- Capacidade de comunicação.
- Possibilidade de prática esportiva no futuro.
- Participar de campeonatos.
- Desenvolvimento bio-psico-social.
- Sair da sala de aula.
- Para participar de competições escolares.

- Enfrentar assaltos e perseguições.
- Reforça esforços individuais para alcançar objetivos.
- Substitui o clube.
- Aperfeiçoamento de atletas, iniciação esportiva, da carreira esportiva, surgimento de grandes atletas.
- Válvula de escape para a repressão.
- Meio de descobrir novas amizades e interesses.
- Valoriza sua auto-estima.
- Desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor.
- O esporte escolar não deve ter como objetivo a formação de atletas, pois é um desestímulo ao prazer de brincar, bem como distúrbios psico-fisiológicos e se não for bem conduzido, leva à violência, à competição e maus sentimentos.
- O esporte tem por finalidade precípua auxiliar o homem a explicar sua própria personalidade e a integrar-se de maneira criadora e ativa no mundo em que vive.
- Reflexão de sua ação corporal, levando-o a descobrir movimentos novos que é capaz de executar, que lhe propiciará um maior domínio corporal, bem como situações que lhe causarão prazer, crescimento, tristeza e outros sentimentos.
- Exercício de tomada de decisões.
- Aprender a julgar os próprios atos e dos colegas.
- Respeitar autoridade.
- Preparar para a vida competitiva.
- Regras do jogo igual às regras da vida.

APÊNDICE 5 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS
QUANTO A IMPORTÂNCIA
DA PRÁTICA DO ESPORTE
NA ESCOLA PARA A ES-
COLA

NA SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DA
PRÁTICA DO ESPORTE NA ESCOLA PARA A ESCOLA?

- Disciplina o aluno, cooperação, amizade, colaboração.
- Melhora o seu desempenho global na escola.
- Demonstra a importância, a imagem e o "status" da escola, nas competições com outras, divulga e promove a escola, faz um "marketing" da escola.
- É mais uma disciplina curricular.
- Mantém o modelo de reproduzir.
- Favorece a integração social.
- Descobrimto de novos atletas e talentos.
- Respeito às regras e normas estabelecidas e as do juiz, cumprimento da Lei.
- Confraternização entre alunos e as turmas.
- Queima de energia, mantendo o equilíbrio do aluno dentro da escola.
- Desenvolvimento e formação bio-psico-social, dentro da integração de todas as disciplinas.
- Ação pedagógica integradora as demais disciplinas.
- Costura as demais disciplinas.
- Integração: aluno, escola, sociedade.
- Hábitos solícitos.
- Intercâmbio de experiências.
- Através da competição, integrar o aluno à sociedade.
- Para que o aluno seja participativo.
- Parte da aula de Educação Física.
- União na escola.
- Socialização do aluno, mudança de comportamento.
- Competição entre as turmas.
- Formação global.

- Possibilidade de o aluno exteriorizar seus sentimentos.
- Não tem importância nenhuma para a escola.
- Formação de cidadãos úteis à sociedade.
- Aumenta o rendimento escolar.
- Socializa os grupos independente da cor, raça e religião.
- Transforma a escola numa comunidade participativa.
- Integração escola-comunidade.
- Local de lazer; educar com prazer.
- Permanência do aluno no ambiente da escola.
- Defender o nome da escola, espírito de corpo.
- Serve de celeiro de atletas.
- Participar de campeonatos.
- O aluno aprende a gostar da escola.
- Canalizadora de interesses.
- Para o profissional exercer suas atividades.
- Tapa-furo no horário.
- Elemento de tapa-furo no horário.
- Iniciação para o trabalho na área.
- Para satisfação dos pais.
- Só para os bem-dotados.
- Respeito ao próximo.
- Aumento do número de alunos.
- Uma forma ou meio do aluno analisar o processo ensino-aprendizagem.
- Formação de cidadania.
- Autonomia.
- Criatividade.

APÊNDICE 6 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS
QUANTO À IMPORTÂNCIA DA
PRÁTICA DO ESPORTE NA
ESCOLA PARA A SOCIEDADE

NA SUA OPINIÃO, QUAL É A IMPORTÂNCIA DA
PRÁTICA DO ESPORTE NA ESCOLA PARA A SOCIEDADE?

- Diminui a agressividade do aluno e alivia tensões.
- Faz pessoas com hábitos mais saudáveis.
- Incentiva o trabalho para o interesse comum.
- Convivência em grupo.
- Desinibição.
- Favorece o surgimento de lideranças.
- Tem a função de socializar.
- Situações desafiadoras.
- Deveria estar ao alcance de todos.
- Estimula o consumo, atende às elites e gera lucros.
- Papel aculturador e massificador.
- Fomenta a competição a qualquer custo.
- Alto nível atlético da população.
- Indivíduo que produza e transmita algo útil à sociedade.
- Integração e participação de pais, professores e alunos através da competição.
- Integração do indivíduo com o meio em que vive.
- Formação de cidadãos críticos.
- Melhorar a saúde social, espírito fraterno de união.
- Para o aluno participar da sociedade de forma cordial.
- Ação compensatória às frustrações cotidianas.
- Para a sociedade contar com um jovem de cabeça sadia e o corpo são.
- Prevenir o uso de drogas, fumo e álcool.
- Melhora as relações humanas.
- Desenvolver cidadãos prontos para ganhar ou perder e criar novas situações e enfrentar desafios, lutar e vencer na vida.

- Preservação de hábitos e costumes, para o bem estar da população.
- Reforça o capitalismo, premia o melhor que venceu a qualquer custo e estimula muito a competição.
- Ensina o cidadão a viver em grupo disciplinadamente.
- Oferecer a oportunidade para a formação do homem consciente, crítico, sensível à realidade que o envolve.
- Nenhuma importância para a sociedade.
- Revela atletas para o esporte profissional e desenvolve o esporte nacional, inclusive prontos para participar de Olimpíadas.
- Disciplina reações e a obedecer regras.
- Equilibrar corpo e mente.
- Solidariedade humana.
- Educação para o lazer.
- População mais saudável.
- Criação de hábitos de saúde.
- Tornar as pessoas mais felizes. Humanizar-se.
- Espírito de camaradagem.
- O espírito competitivo é um sentimento inato no homem e deve ser incentivado.
- Com uma juventude esportista tem menos problemas sociais.
- Formar alunos que sabem lutar pela vida honestamente.
- Vivência em sociedade, participação e competição.
- A sociedade e o esporte possuem características similares em sua essência, ambos funcionam com as regras criadas pelo homem.
- Os valores morais, sociais, éticos e pessoais são adquiridos, aprimorados, modificados, respeitados, na prática esportiva.
- Combater o "stress".
- Preparar o aluno para viver em grupo, para o convívio social,

levando-o a questionar, discutir sobre modelos prontos e o comércio que existe sobre os mais aptos e capazes de representar a sociedade em determinados esportes.

- O esporte encaminha a criança para uma postura crítica do que é certo e errado.
- Mascaram conflitos ideológicos.
- Elemento de cultura física de um povo.
- Manutenção física.
- Integração ativa.
- Instrumento facilitador de relacionamento interpessoal. Chegar em um lugar estranho, se houver uma bola, logo ele se relaciona.
- Oportunizar condições de vida melhor ao cidadão, inclusive financeira.
- Formação, representatividade, educação.
- Alienar o indivíduo das questões políticas e sociais.
- Pessoa crítica e produtiva.
- Resultados técnicos para o País.
- Fortalecimento da vontade.
- Consciência social.
- Identificar talentos e representar o Estado.
- Ocupar o tempo ocioso.
- Válvula de escape.
- Espaço de equidade e igualdade entre aptos e não aptos.
- Um elemento participativo, crítico, auto-crítico capaz de manter uma relação consigo e com os demais.
- Meio para interagir no mundo e transformá-lo.
- A escola reproduz a sociedade, o que é trabalhado na escola, tem efeito na escola.

APÊNDICE 7 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS
QUANTO AO CRITÉRIO DE
ESCOLHA DO ESPORTE NA
ESCOLA PÚBLICA

SEGUNDO QUE CRITÉRIOS VOCÊ ESCOLHE
O ESPORTE A SER PRATICADO NA ESCOLA PÚBLICA?

- Disponibilidade do espaço físico.
- Material adequado.
- Necessidades e preferências dos alunos.
- Faixa etária.
- Grau de escolaridade.
- Interesse do grupo.
- Oferecer várias atividades para enriquecer o currículo.
- Falta de material.
- Clientela a ser atendida.
- Índice de repetência.
- Planejamento dos professores.
- Grau de desenvolvimento das habilidades motoras.
- Esportes que desenvolvem fora da escola.
- Currículo escolar.
- Sexo.
- Escolha do aluno.
- Carência dos alunos (higiene e nutrição).
- Realidade escolar.
- Escolha do professor.
- Depende do programa anual.
- Planejamento com o aluno.
- Criatividade.
- Depende da série e grau.
- Reunião com a Coordenação de Disciplina.
- Não tem escolha, devido à carência e o que pode ser feito.
- Participação em competições oficiais.
- Limite biológico dos alunos.
- Segundo a estrutura pedagógica da Educação Física.

- De acordo com o pensamento do professor.
- Pré-seleção em séries.
- Meio comunitário.
- Critério gradativo de dificuldades.
- Respeitando o desenvolvimento motor do aluno e proporcionando-lhe vivências.
- Não dá para ter critérios.
- Os esportes que eu mais domino.
- Futebol porque é preferência nacional.
- Opção pelo lazer.
- Sorteio.
- O que agrada à maioria.
- Tipo físico.
- Conforme o plano já determinado.
- Dentro da possibilidade da escola.
- Votação dos alunos.
- 2º grau de acordo com a especialidade do professor.
- Espaço físico.
- Objetivos da escola.
- A escola costuma participar dos jogos promovidos pela Delegacia de Educação.
- Aproveitamento da moda passageira de algum esporte.
- De acordo com o planejamento superior.
- Também o calendário de festividades (danças, etc).
- Popularidade do esporte.
- De acordo com a orientação da SMED (baseada em conteúdos mínimos).
- De acordo com a orientação dos supervisores de Educação Física.
- Esportes individuais, pois satisfaz mais os alunos.
- Esportes mais divulgados pelos meios de comunicação.
- De acordo com o calendário da DE para os Jogos Escolares.

APÊNDICE 8 - LISTAGEM DAS RESPOSTAS
QUANTO AO CRITÉRIO DE
ESCOLHA DO ESPORTE NA
ESCOLA PARTICULAR

SEGUNDO QUE CRITÉRIOS VOCÊ ESCOLHE O
ESPORTE A SER PRATICADO NA ESCOLA PARTICULAR?

- Observando o interesse do grupo.
- Disponibilidade de local.
- Recursos materiais.
- Preferência dos alunos.
- Faixa etária.
- Grau de habilidade dos alunos.
- Currículo escolar.
- Aptidão de cada aluno.
- A própria escola contrata professores especializados em cada esporte.
- Segundo os critérios de aprendizado, aperfeiçoamento e especialização esportiva.
- Alunos que têm a melhor média.
- Planejamento e objetivos da escola.
- Conforme a especialização do professor.
- Proporcionar vivências aos alunos.
- Segundo as tendências e a tradição que a escola tem dentro de um modalidade esportiva.
- Dentro do que é obrigatório.
- Base curricular seqüencial.
- De acordo com os princípios de educação do colégio, crescimento pessoal e não competição recreação.
- Cada semana um tipo de esporte.
- Os mesmos da escola pública.
- Os alunos optam por um determinado esporte entre os oferecidos.
- Visão de esporte da escola.
- A escola costuma participar de torneios ou competições, pro-

movidos pela sua congregação.

- Aproveitamento da "moda".
- Seguir o cronograma proposto pela seção de ensino, . obrigatoriamente.
- Nível cultural do grupo.
- Dotes da clientela.
- Conforme o planejamento geral da coordenação.
- Objetivos da escola.
- Programa da escola.